ANO XXXIII – N.º 89 – Preço: 0,50€ Out / Nov / Dez de 2011

PROF

SINDICATO DOS PROFESSORES DA MADEIRA Directora: Marília Azevêdo

Valorização profissional

Plano de Formação Contínua

Relembramos o Plano Anual de Formação Contínua do SPM, a decorrer já na nova sede. Ariana Cosme diz-nos que a formação contínua é um «espaço de intervenção de inegável pertinência e actualidade». As condições do novo Centro de Formação «premeiam e potenciam as energias e as horas empregues pelos educadores e professores.»

Págs. 10 - 11

Sindicato dos Professores MADEIRA

Ao fim de 33 anos de esforço e empenho dos sócios e direcções do SPM

SPM já trabalha na nova casa

Intervir+ Programa Operacional de Valorização do Potencial Económico e Coesão Territorial da RAM

QREN Quadro de Referência Estratégico Nacional Portugal 2007.2013

Região Autónoma da Madeira - SREC

UNIÃO EUROPEIA Fundo Social Europeu

© Nélio de Sousa

A Calçada da Cabouqueira encheu, na manhã do 5 de Outubro, na abertura oficial do novo Centro de Formação e Sede do SPM

Centenas de professores e educadores aderiram com entusiasmo e orgulho à abertura oficial do novo Centro de Formação e Sede do Sindicato dos Professores da Madeira, no Dia Mundial do Professor, 5 de Outubro. Foi um dia histórico e de festa.

As novas instalações, pelas condições oferecidas, conferem um significativo potencial e espaço de evolução no trabalho sindical.

Acção sindical entendida num sentido moderno, lato e adaptado às novas realidades e expectativas da classe docente. Desde a luta reivindicativa, passando pela formação contínua, até ao debate interno que conduza às respostas que os docentes e o sector educativo precisam. Para sermos capazes de fazer o que dizemos que é preciso fazer.

Como alertam Rita Pestana e Adília Andrade, referências do SPM, o novo edifício não é um fim em si mesmo. As «organizações sociais são unidades humanas – a sua vitalidade não é redutível a paredes», mas estas ajudam a «conferir dignidade e sustentabilidade». Aproveitar o potencial para melhorar práticas e resultados depende das equipas, o «motor da acção».

O Sindicato dos Professores da Madeira não poderia ter escolhido uma outra data de tão grande simbolismo para toda a classe docente, o seu Dia Mundial, para a inauguração. Estão criadas as condições para os próximos 5 de Outubro serem celebrados ainda com mais pompa e circunstância. **Págs. 4 - 9**

Vamos ao protesto

Não faltam razões para os docentes aderirem à Greve Geral convocada pela CGTP e UGT. Mário Nogueira, secretário-geral da FENPROF, em artigo de opinião na última página, traça o cenário e apela: «compete aos professores que exercem a sua atividade profissional na RAM, defendendo os seus direitos e interesses, unirem-se ainda mais em torno do SPM.» **Págs. 3 e 20**

Perfil

Estado desacredita profissão docente

Inês Vasconcelos é professora do 1º Ciclo do Ensino Básico há sete anos. Para si, o mais importante são as pequenas conquistas e vitórias que se fazem no dia-a-dia, princípio adequado à vida mas, particularmente, à vida escolar e à evolução, degrau a degrau, de cada estudante.

A sociedade deve olhar mais para a escola como local de aprendizagem, cultura e conhecimento, alerta Inês Vasconcelos

Em que circunstâncias decidiu ser professora?

O gosto em ser professora surgiu muito cedo, ainda na escola primária. Sonhava ser como a minha professora que marcou a minha vida pela sua personalidade carinhosa e ao mesmo tempo exigente em contexto ensino/aprendizagem.

Refira as eventuais dificuldades sentidas na concretização dessa decisão.

Para ser sincera, não senti dificuldades na concretização dessa decisão, sempre fui muito empenhada em alcançar os meus objectivos e consegui entrar no curso que sempre desejei, na Universidade da Madeira, com algum mérito.

Descreva a sua primeira aula enquanto docente.

Na minha primeira aula, apesar de nervosa, sentia-me confiante e feliz, muito feliz por estar a concretizar um sonho.

O seu melhor momento enquanto professora.

Tenho muitos bons momentos enquanto professora, essencialmente quando vejo os meus alunos felizes por aprender e a alcançar o seu sucesso. O sucesso deles é sem dúvida, a minha maior satisfação!

O pior momento na sua carreira.

O pior momento foi não poder concorrer no ano que concluí o curso, senti uma enorme frustração por ter de ficar um ano sem emprego, no entanto, essa frustração depressa foi colmatada, pois fui contratada por uma escola privada onde pude exercer a minha profissão.

Voltaria, hoje, a escolher esta profissão?

Gosto muito da minha profissão, foi sempre o que quis ser, contudo, o descrédito que está a ser dado à nossa classe, o sentimento de insegurança que se vive no nosso dia-a-dia e o futuro incerto que nos espera, far-me-ia repensar nessa escolha.

Que requisitos considera necessários a um docente?

Muito empenho, dedicação, gostar realmente do que faz e sentir que os seus alunos são parte de si, são um pouco de si…

Conteúdo que mais gosta de leccionar?

Sinto-me bem a leccionar qualquer um dos conteúdos do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Matéria que gosta menos de leccionar?

Não posso dizer que gosto menos disto ou daquilo, o que sinto muitas vezes é que os programas são demasiado extensos e quase não permitem consolidar os conhecimentos.

O livro que achou mais útil ou mais influenciou a sua prática profissional.

"Meu pé de laranja lima" de José Mauro de Vasconcellos. Este livro ensinou-me que o mais importante não são os grandes feitos ou qualquer outro acontecimento considerado por nós digno e merecedor de importância, mas sim, as pequenas coisas, as pequenas conquistas e vitórias que se fazem dia a dia. É deste modo que as crianças encaram o mundo que as rodeia!

Turma ou aluno que queira destacar?

Não consigo destacar um aluno ou turma. Guardo todos os meus alunos num cantinho especial do meu coração, todos são importantes para mim… Cada um com seu jeito de ser!

O seu maior sucesso.

A nível profissional, sinto que ainda não alcancei o meu maior sucesso, mas aguardo pacientemente por esse momento.

Situação marcante na sua vida profissional.

Gosto de ser reconhecida pelo meu esforço, pela minha dedicação e vontade de ser cada vez melhor naquilo que faço e posso dizer que por diversas vezes, no meu percurso profissional, já tive essa oportunidade!

Identifique, na sua óptica, os maiores problemas no Ensino e o que mudaria na Escola para os resolver.

A família desresponsabilizou-se da educação dos filhos delegando na escola essa tarefa, o estado desacreditou a profissão docente, fazendo com que a sociedade não olhe mais para a escola como um local de aprendizagem, de cultura e conhecimento mas, um passatempo onde os filhos permanecem na sua maioria dez horas por dia, cinco dias por semana. Os professores sentem-se "sufocados" em burocracia que quase não lhes deixa tempo para preparem as suas aulas convenientemente, em prol do sucesso dos seus alunos. Tornar o ensino eficiente e de qualidade é a tarefa mais importante da nossa sociedade, contudo as medidas que são tomadas com vista a um "ensino melhor e eficiente" não são nada mais do que medidas economicistas, restritivas e opositoras a essa realidade. Resta-nos a esperança de que um dia tudo irá mudar!

As condições de trabalho para se poder ensinar e realizar aprendizagens, com qualidade, na escola.

Na minha opinião existem três condições fundamentais para se poder ensinar e realizar aprendizagens com qualidade. A primeira é sem dúvida o número de alunos por turma, a segunda é o acesso dos docentes a recursos materiais apelativos e motivantes e a terceira é ter encarregados de educação cooperantes, que valorizem o papel dos docentes e da escola na formação pessoal e social das suas crianças.

Deixe, por fim, uma mensagem aos docentes.

Numa altura de inseguranças, receios e incertezas os docentes, mais do que nunca, têm de acreditar em si, no seu valor, na importância da sua posição social e no papel preponderante que têm na Educação. Deixo-vos com a seguinte citação de Dalai Lama para que reflictam no vosso modo de pensar e actuar: "Desenvolver força, coragem e paz interior demanda tempo. Não espere resultados rápidos e imediatos, sob o pretexto de que decidiu mudar. Cada acção que você executa permite que essa decisão se torne efectiva dentro do seu coração."

PROF Trimensário de Informação Sindical

PROPRIEDADE, REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Sindicato dos Professores da Madeira (SPM)
Morada:
Calçada da Cabouqueira, n.º 22
9000-171 Funchal
Website: www.spm-ram.org
Email: spm@spm-ram.org
Skype: spmadeira
Messenger: spm@spm-ram.org
Telefone: 291 206 360
Fax: 291 206 369

DIRECTORA: Marília Azevêdo

CONSELHO DE COORDENAÇÃO:
Comissão Executiva do SPM

COORDENADOR-EDITOR:
Nélio de Sousa

"DE PAPO PRÓ AR"
Coordenação de Helena Lima

CARTOON
Henrique Monteiro

COLABORADORES NESTA EDIÇÃO:
Cláudio Pedro, Helena Camacho, JPO, Lídia Barbeito, Manuel Menezes, Maria Emília Zino, Maria Helena Lima, Maria da Paz Ferreira, Marília Azevêdo, Nélio de Sousa, Raimundo Figueira, Rita Pestana

PERIODICIDADE: Trimestral

ARTE GRÁFICA E IMPRESSÃO:
Eco do Funchal

TIRAGEM: 4.000 exemplares

O PROF está aberto à colaboração dos professores, particularmente os da RAM, mesmo quando não solicitada. Reserva-se, todavia, o direito de condensar ou não publicar, em função do espaço disponível e do Estatuto Editorial desta publicação. Os artigos assinados são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Editorial

Resistir pela nossa dignidade

Marília Azevêdo
Coordenadora do SPM

1 – No momento em que escrevo este editorial, permanece a dúvida sobre se o novo Governo Regional integrará ou não na sua composição uma Secretaria Regional da Educação. A dúvida prende-se, essencialmente, com a denominação. Porque é óbvio que este importantíssimo sector, pilar de qualquer sociedade que se quer desenvolvida de forma sustentável, foi claramente subalternizado.

Numa altura particularmente difícil para o País, em que todos nos confrontamos, diariamente, com programas e medidas de austeridade que nos deixam quase sem fôlego e sem ânimo, era de esperar que o novo Governo Regional visse e sentisse a importância da Educação, já de si tão maltratada.

Como se já não bastasse ter sido esta a área que maior corte orçamental sofreu, agora deixa, pura e simplesmente, de ter uma tutela regional. Divide-se por outras áreas, elas próprias tão fundamentais, como os recursos humanos. A definição da política educativa e as opções que se pretendem tomar e que devem ser claramente assumidas, não se compaginam com a falta de organismos de tutela.

A Educação é (devia ser) um sector de aposta e investimento e não ser um sector que se limita a gerir os recursos humanos.

E se a nível nacional, pela voz do ministro Nuno Crato, vamos tomando conhecimento da forma absurda de como se pretende cortar na educação, aqui na Região o silêncio é constrangedor.

Vai ou não a Região adoptar as medidas que são anunciadas como a "reorganização curricular", que mais não são que a adopção da estratégia orçamental que terão obrigatoriamente implicações na organização curricular?

Uma revisão curricular, que até se exigia e justificava, face ao alargamento da escolaridade obrigatória até ao 12º ano, devia ser antecedida, obrigatoriamente, duma avaliação do que existe; um olhar e um debate reflexivo que juntasse toda a comunidade educativa e a sociedade, donde saíssem ideias consistentes sobre o que se quer para o futuro.

O que nos é apresentado não é nada disto. Nem sequer foi precedido de qualquer avaliação prévia nem de visão estratégica para o devir.

Não conhecendo, todavia, nem o programa de governo, nem o pensamento de quem vai dirigir(?) a Educação, era salutar lembrar que desde o século XIX educar vai para além de treinar e adestrar. Que educar é propiciar as condições necessárias para, de forma global, desenvolver nas crianças e jovens todas as suas capacidades e potencialidades. A educação integral para todos é necessária ao desenvolvimento dum País que se quer de primeiro mundo. As artes e as tecnologias têm um lugar incontornável no currículo escolar.

2- O Orçamento de Estado para 2012, que em breve será apresentado e discutido na Assembleia da República, traduz uma série de medidas que irão pôr em causa não só a escola pública, como põe em causa a universalidade dos direitos básicos dum estado social.

Ao corte salarial, já em vigor desde Janeiro último, junta-se a redução, já este ano no subsídio de Natal e os cortes nos subsídios férias e Natal do próximo ano.

Não apresentasse mais nada, o que não é o caso, só estas medidas, por si só, são representativas dum retrocesso civilizacional, tomadas à revelia dos direitos e garantias expressas na Constituição da República Portuguesa.

Como refere Mário Nogueira, Secretário Geral da Fenprof, em artigo neste jornal PROF, "O Orçamento do Estado para 2012… pretende demolir esperança e futuro, podendo demolir desejos e sonhos… competenos a nós cidadãos e, particularmente, a nós professores e educadores, demolir este orçamento e estas políticas em que se sustenta."

A CGTP-IN e a UGT convocaram uma Greve geral para o próximo dia 24 de Novembro. Apesar de todas as dificuldades, é necessário parar! Mostrar a nossa resistência a todos estes atropelos. Mostrar que os Funcionários Públicos, classe a que pertencemos, não são descartáveis! Dia 24 de Novembro vamos PARAR! … em luta pela nossa dignidade!

Opinião: "Um murro na mesa"

Evitar o colapso social

Há um perigo iminente de colapso social em Portugal. Os sinais estão aí. O problema não é apenas a dívida pública portuguesa, calculada em 25% da dívida total do País. É também a dívida privada (75%) e a conjuntura de recessão europeia e internacional, decorrente da crise do *subprime* em 2006-2007 devido à ganância e especulação financeira.

Pior do que a subida de impostos e a perda de salário (empobrecimento), é o desemprego e as famílias ficarem sem liquidez e entrarem em falência por causa dos compromissos de crédito (endividamento), no actual contexto de enorme austeridade.

Metade delas estão enredadas em dívidas com a habitação e boa parte com compromissos financeiros demasiado elevados e por demasiado tempo: 30 a 40 anos. Uma coisa é viver pior, outra coisa é não ter para viver, além de pagar ao banco as dívidas, quando chega para as pagar...

Em lugar de fazer fretes à banca (recapitalizá-la) e de se andar a salvar este ou aquele banco da insolvência à custa do Estado e dos contribuintes, utilizemos os muitos milhões de euros da troika para injectar na economia e promover o emprego.

É preciso os cidadãos fazerem pressão, de múltiplas formas, sobre quem decide, aqui e na Europa. É preciso evitar um colapso social. É preciso acender uma luz de esperança ao fundo da crise.

Nélio de Sousa,
dirigente do SPM

Dia Mundial do Professor especial com cerimónia muito participada

SPM inaugura nova casa

© Nélio de Sousa

Factos essenciais para a história: o SPM tem um novo Centro de Formação e uma Sede de qualidade e à cerimónia inaugural fizeram questão de comparecer centenas de docentes

As intervenções da presidente da Mesa da Assembleia Geral do SPM, do secretário-geral da FENPROF e do presidente do Governo Regional foram momentos altos da cerimónia de inauguração da nova Sede e Centro de Formação do Sindicato dos Professores da Madeira (SPM).

O Dia Mundial do Professor, em 5 de Outubro, foi a data escolhida pelo seu simbolismo para a classe, «independentemente de outras agendas». Factos essenciais para a história: SPM tem nova Sede/Centro de Formação de qualidade e a cerimónia inaugural correu muito bem, como as notícias na imprensa o atestam.

Depois de descerradas as placas pelas 10h30 - uma relativa à inauguração do edifício, a outra em homenagem ao arquitecto João da Conceição, autor do projecto, já falecido - os cerca de 250 professores e educadores presentes subiram ao terceiro piso e, num auditório à cunha, com muita gente em pé, ouviram as intervenções previstas, anunciadas pela dirigente Margarida Fazendeiro.

Dia histórico

Desde as 9h00 horas da manhã que a Calçada da Cabouqueira conheceu um movimento fora do habitual para um dia feriado, com intenso movimento de pessoas e viaturas. A inauguração não passou despercebida na capital madeirense.

Num tempo de dificuldades e de incertezas, a organização sindical mais representativa dos professores da RAM abraça o futuro com um espaço à altura das suas responsabilidades na vida da Região. Um espaço que é também a concretização de um velho sonho e um motivo de orgulho para os cerca de 3.500 sócios do Sindicato, como tivemos oportunidade de ouvir da parte de muitos dos participantes neste dia histórico.

Além das personalidades já referidas, do SPM, da FENPROF e do Governo Regional, marcaram presença os secretários-regionais de Educação e Cultura e do Plano e Finanças, o presidente da Câmara do Funchal, directores regionais e outras entidades e organizações, incluindo as sindicais, da Região, Continente e Açores.

NdS e JPO

© Roberto Andrade

© Roberto Andrade

«Vitalidade profissional»

Representando a "vitalidade de uma comunidade profissional", o Sindicato dos Professores da Madeira centra-se nos seus maiores objectivos: a "Formação de Professores e a Acção Sindical", salientou Rita Pestana. Metas essas, sempre e exclusivamente, na "defesa e na afirmação da nossa profissionalidade" e na "luta intransigente por uma profissão digna, valorizada e valorizadora."

Daí que o SPM alie a "vertente da representatividade na defesa, na reivindicação e na negociação institucional das questões socioprofissionais à vertente da formação dos professores e educadores." Daí também a aposta no Centro de Formação, o coração do edifício da nova sede.

A sindicalista questionou sobre alguns dossiês educativos pendentes: "os docentes precisam saber com o que contam, quer em termos de Estatuto da Carreira Docente, quer em termos de avaliação de desempenho." O presidente do Governo Regional responderia a estas questões momentos depois.

Os meios ajudam mas não bastam só por si. "As organizações sociais, como escolas ou sindicatos, são unidades humanas". Embora a sua "vitalidade orgânica" não seja "redutível a paredes ou equipamentos", as organizações "são também "paredes, lugares de reflexão, debate e encontro", que lhes confere – e aos seus "projectos humanos e cívicos" – a necessária "dignidade, consistência e sustentabilidade."

Depois de ter expresso os custos da obra, Rita Pestana fez os agradecimentos às diversas entidades, individualidades e empresas, que "nos ajudaram a fazer este percurso de que nos orgulhamos" e que constituirá uma "referência no panorama educativo" da Região e do País.

© Roberto Andrade

Presidente da Assembleia Geral do SPM

«Melhores respostas»

Mário Nogueira, secretário-geral da FENPROF salientou que "serão ainda melhores, a partir de agora, as respostas que o SPM irá dar aos professores e educadores", fazendo valer mais a pena ser sindicalizado neste sindicato.

Melhores respostas "aos aposentados; aos mais jovens, por norma, em situação de precariedade ou mesmo desempregados e a necessitarem de um apoio ainda mais forte; aos que estão na carreira, mas impedidos de progredir, vítimas que são, como os demais trabalhadores, de políticas que, em todo o país, têm vindo a liquidar direitos, a roubar salários, a degradar condições de trabalho e exercício profissional e que só não roubaram a dignidade porque, os professores isso nunca permitirão, provando todos os dias, nas escolas, com os seus alunos, que não são o que, de quando em vez, alguns poderes instituídos pretendem difundir, recorrendo a campanhas infames pelas quais tentam fazer passar mensagens falsas sobre os profissionais docentes."

No Dia Mundial do Professor, Mário Nogueira invocou a Recomendação conjunta da UNESCO e ONU, aprovada em 5 de Outubro de 1966, em que boa parte dos direitos "continua por cumprir e outros têm vindo a ser reduzidos ou eliminados." E enumerou o que falta cumprir desde a formação contínua, passando pela estabilidade de emprego e profissional, até aos horários dos professores.

O orador teve uma palavra final para quem trabalha na Região: "Não seria admissível que, a propósito da situação financeira, estes fossem aqui sobretaxados ou mais penalizados do que os restantes trabalhadores do país". Acrescentou que "se o problema da dívida existe, e aqui com dimensão agravada, é bom recordar que não é por responsabilidade de quem, honestamente, tem como quotidiano o trabalho."

© Roberto Andrade

Secretário-Geral da FENPROF

«Nova base de trabalho»

O Presidente do Governo Regional começou por realçar o "momento significativo" na vida do SPM, tendo felicitado os actuais e os anteriores dirigentes pela nova "base de trabalho" erguida, importante para a "vida futura do Sindicato".

Alberto João Jardim salientou as condições para a formação, considerando ser "fundamental" que uma Região Autónoma, "marcada pela insularidade", aposte na qualificação e na formação dos seus docentes. Reconhece no SPM uma "grande força" para continuar a fazer a "mudança de mentalidades". Referiu ainda que a qualidade do ensino na RAM se deve aos professores, destacando o papel destes profissionais na sociedade.

O líder da Região abordou ainda as questões da Autonomia enquanto "direito à diferença", que é fundamental numa "sociedade democrática" e para "valorizar o território autónomo."

Mais adiante deixou quatro promessas: em matéria de formação de professores, um novo regulamento com definição de entidades habilitadas para essa actividade; de revisão do Estatuto da Carreira Docente que está pronto para negociação, face à 10ª alteração ao ECD nacional; proposta de modelo da avaliação do desempenho concluído para negociação (embora Alberto João Jardim afirmasse ser contra a avaliação de professores - «e não mudo» «independentemente das negociações que se faça lá em Lisboa» - justificando que é preciso reforçar, sim, a exigência dos programas escolares e maior conhecimento cultural e científico aos alunos); e, finalmente, em matéria de retroactivos, prometeu-os para "logo que houver oportunidade financeira". Face à reacção de desapontamento no auditório, esclareceu: "não digo que é para amanhã senão chamavam-me mentiroso."

Terminou com um renovado agradecimento à classe dos professores pelo "muito" que tem feito pela Madeira e deixou um pedido: "entrar com muita força nos novos ciclos de mudança que o País e a Região carecem." Teve tempo ainda para recordar o tempo em que foi professor, de que guarda as "melhores recordações".

© Roberto Andrade

Presidente do Governo Regional

Momento único na vida do sindicato

Inauguração de A a Z

© Nálio de Sousa

Momento em que foi descerrada a placa inaugural pela coordenadora Marília Azevêdo

Auditório

O Auditório no piso 3, com capacidade para cerca de duzentas pessoas, foi pequeno para receber todos os docentes que fizeram questão de marcar presença em dia tão significativo para os associados do Sindicato dos Professores da Madeira. Muitos ficaram de pé nas zonas laterais e na rectaguarda. Mesmo assim, muitos outros tiveram de assistir aos três discursos da cerimónia do lado de fora, mais precisamente do foyer do auditório, onde também se ouviam as palavras dos oradores. O espaço, entretanto, já recebeu plenários e as Jornadas Pedagógicas.

Biblioteca

Além do Centro de Recursos e Biblioteca, as áreas da Formação Contínua, Informação e Comunicação e Actividades Culturais surgem renovadas fruto das melhores condições oferecidas pelo novo Centro de Formação e Sede.

Componentes e co-financiamento europeu

O edifício tem duas componentes físicas bem distintas quanto ao seu financiamento: a componente Sede, que foi financiada exclusivamente pelo orçamento do SPM, e a componente do Centro de Formação, a única a ser co-financiada pelo INTERVIR+ (Programa Operacional de Valorização do Potencial Económico e Coesão Territorial da RAM), através do FEDER (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional).

Dia Mundial do Professor

Pelo seu grande simbolismo para a classe, aliou-se as comemorações do 5 de Outubro, Dia Mundial do Professor, à abertura oficial da nova casa do Sindicato dos Professores da Madeira. Nesse dia são realizadas acções por todo o mundo que visam sublinhar a importância dos docentes para o desenvolvimento das sociedades.

Estacionamento

Para os delegados sindicais em serviço do SPM e para os sócios em atendimento, existe estacionamento de curta duração, facilitando assim o acesso dos associados ao sindicato.

Força do SPM

O presidente do Governo Regional reconhece no SPM uma "grande força" para continuar a fazer a "mudança de mentalidades". Referiu ainda que a qualidade do ensino na RAM se deve aos professores, destacando o papel destes profissionais na sociedade.

Gabinete Jurídico

Com a nova Sede e Centro de Formação, o SPM ficou em melhores condições para elevar os padrões dos serviços que presta aos docentes, nomeadamente na área do Apoio Jurídico e Atendimento aos sócios do sindicato. O SPM tem um Gabinete Jurídico com um jurista a tempo inteiro, para responder com a máxima celeridade e eficácia às situações e problemas colocados pelos sócios.

Histórico

O 5 de Outubro de 2011 ficará na história do SPM como prova da sua capacidade de realização. É o essencial que ficará para a memória. Assim também se defende as condições de trabalho e a auto-confiança de quem escolheu a profissão docente.

Inevitável só a luta

«Há alternativas e todos sabemos quais são, o que não há é vontade política para fazer essas opções. Assim sendo, inevitável só mesmo a luta de quem trabalha» (da intervenção de Mário Nogueira).

João da Conceição (arquitecto)

O arquitecto que projectou o edifício da nova sede do SPM, João da Conceição, foi homenageado na inauguração, como Profissional e Homem.

Luta sem tréguas

«Este novo espaço nos permitirá também um renovado ânimo para a mobilização e para a luta sem tréguas que os associados esperam e desejam em torno do nosso SPM» (da intervenção de Rita Pestana).

Momento significativo

O Presidente do Governo Regional começou por realçar o "momento significativo" na vida do Sindicato, felicitando os actuais e os anteriores dirigentes pela concretização do projecto.

Números

O custo global da obra ascenderá a 3 milhões e 800.000 Euros, incluindo trabalhos preparatórios e registos. Dois milhões (53% do total) são suportados pelo SPM. Um milhão e 800.000 (47% do total), são financiados pelo FEDER, através do Programa INTERVIR+ (Programa Operacional de Valorização do Potencial Económico e Coesão Territorial da RAM).

Orgulho

O líder da Federação Nacional dos Professores, Mário Nogueira, considerou ser este um espaço que "reforça e orgulha o SPM, logo a FENPROF" e que, na Madeira, será, decerto, também espaço de "solidariedade com o movimento sindical unitário, ou não fosse o SPM, como os restantes Sindicatos da FENPROF, uma organização que integra o grande espaço solidário que é a CGTP-IN, essa grande construção dos trabalhadores portugueses."

Projecto de formação

«Desde sempre, mesmo quando ainda nem se falava de créditos de formação obrigató-

rios para progredir na carreira, o SPM organizou e promoveu Jornadas Pedagógicas, Conferências, Encontros, Colóquios, Congressos até que, em Agosto de 1993, cria o seu Centro de Formação acreditado pelo Conselho Científico e Pedagógico da Formação Contínua de Professores, sendo o único Centro que, no plano regional, atingiu tal objectivo» (da intervenção de Rita Pestana).

Qualidade do edifício

As instalações da nova Sede e Centro de Formação do SPM impressionam pela qualidade dos espaços, com acabamentos sóbrios mas conferindo dignidade ao edifício, à instituição e aos associados.

Renováveis, redução e redes

O edifício está equipado com estruturas de captação e conversão de energias renováveis (painel de aquecimento de água e painel fotovoltaico de produção de energia, em regime de micro produção), sistema de ar condicionado e sistema de gestão integrada de iluminação.

Será possível regular e gerir os consumos energéticos e uma poupança/redução considerável dos custos de gestão do edifício, reduzindo também os custos ecológicos e ambientais.

Possui redes de comunicações e informática integrada, sistema anti-intrusão e de combate a incêndios bem como de vídeo vigilância.

Sindicalismo com mais-valia

Além dos espaços físicos, será uma mais-valia para os sócios e para o sindicalismo, através de um sindicato sempre activo e interventivo na defesa da classe e da Educação.

Trinta e três anos

«O Sindicato dos Professores da Madeira é uma organização que, desde há trinta e três anos, pugna por um projecto que alia a vertente da representatividade na defesa, na reivindicação e na negociação institucional das questões socioprofissionais, à vertente da formação contínua dos professores e educadores» (da intervenção de Rita Pestana).

Usufruto imediato

Os sócios do SPM tiveram o usufruto imediato das novas instalações, nomeadamente no atendimento, acções de formação, jornadas pedagógicas e actividades diversas já realizadas no mês de Outubro de 2011. A sede tem tido muita gente dentro.

Valorização da classe

O edifício da nova Sede e Centro de Formação do SPM valoriza e deixa espaço para potenciar a valorização da classe docente na Região e no País. Esta obra física é um instrumento de enorme potencial para a acção sindical, com visão de futuro, que coloca particular responsabilidade sobre as equipas que comandarão os destinos do SPM. No início de 2012 há eleições internas.

X Congresso

O SPM vive, em 2011, momentos muito expressivos na sua actividade e na sua intervenção. Foi e é ano de lutas intensas pela dignidade da profissão docente, ano do X Congresso (Maio) e da inauguração da nova sede (Outubro).

Zona central

A nova morada do SPM fica bem localizada na freguesia de São Pedro, no Funchal, com uma boa centralidade e acessibilidade.

JPO/NdS

Ispis verbis

Ecos na imprensa da nova sede e do Dia Mundial do Professor

CORREIO da manhã

Fenprof diz que Educação sofre ataque com "fúria"

O coordenador-geral da Federação Nacional dos Professores (FENPROF), Mário Nogueira, criticou esta quarta-feira a "fúria" com que o Governo da República está a atacar a Educação em Portugal e a "irresponsabilidade" do orçamento que está a ser elaborado para o sector.

DIÁRIO de Notícias MADEIRA

Inauguração com respostas a reivindicações dos docentes

O Sindicato dos Professores da Madeira (SPM) inaugurou ontem a nova sede na Calçada da Cabouqueira, no Funchal. A cerimónia contou com a presença de responsáveis do SPM, presidente do Governo Regional (GR), Alberto João Jardim, Coordenador nacional da FENPROF, Mário Nogueira, e largas dezenas de docentes da região autónoma.

Jardim aproveitou a ocasião para fazer um ponto de situação a um conjunto de reivindicações e preocupações da classe docente, entre elas o novo regulamento sobre a formação de professores, a adaptação à Região do novo Estatuto da Carreira Docente, a avaliação de desempenho e o pagamento de retroactivos.

O secretário-geral da FENPROF, Mário Nogueira, esteve ontem na Região para assinalar o Dia Mundial dos Professores e participar na iniciativa do Sindicato dos Professores da Madeira (SPM), que inaugurou a sua nova sede, na Calçada da Cabouqueira. Na intervenção, na sede do SPM, o dirigente sindical considerou inadmissível que os professores e educadores madeirenses venham a ser "penalizados" na sequência da situação financeira da Região.

© Nélio de Sousa

A imprensa nacional e regional esteve "em peso" na cerimónia oficial de abertura da nova morada do Sindicato dos Professores da Madeira

Jornal MADEIRA

«Negociações com o Governo não vão ser nada fáceis»

O presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim, presidiu, na manhã de ontem, à inauguração da Sede e Centro de Formação do Sindicato dos Professores da Madeira (SPM). Numa cerimónia que marca o Dia Mundial do Professor, ontem comemorado, o acto inaugural contou com a presença do coordenador-geral da FENPROF, Mário Nogueira e de muitos docentes que não quiseram faltar à cerimónia.

À chegada, Jardim foi recebido pelos dirigentes do SPM, como a sua coordenadora, Marília Azevedo, e pela directora do Centro de Formação, Rita Pestana.

Visivelmente satisfeita pela nova sede, a presidente da assembleia-geral do SPM, Rita Pestana, salientou, no seu discurso, que a nova sede do Centro de Formação do SPM «representa a vitalidade de uma comunidade profissional, a sua capacidade de sonhar e de se mobilizar, activamente, em prol de uma sociedade mais justa e mais solidária, onde todos possam ensinar e aprender com dignidade e sucesso».

Diário de Notícias

"Governo de Coelho e Portas ataca, com fúria, a Educação"

"O Governo de Coelho e Portas ataca, com fúria, a Educação", fazendo cortes que atingem 1,3 milhões de euros, quase 20 por cento do orçamento deste sector, disse o dirigente sindical no Funchal, na cerimónia da inauguração da nova sede do Sindicato dos Professores da Madeira que contou com a presença do presidente do Governo Regional, Alberto João Jardim.

Segundo Mário Nogueira, este é "um sector que há muito deixou de ter gorduras para cortar e, a consumar-se o corte anunciado para 2012, incluindo os 108 milhões no ensino superior, poderão ser atingidos órgãos vitais, razão pela qual se considera uma autêntica irresponsabilidade política o orçamento que está a ser preparado e, em breve, será do conhecimento público".

Censurou também o ministro da Educação, Nuno Crato, por repetir que "se pode fazer mais com menos", considerando que isso "é tão falso como afirmar que 4 menos dois são seis".

Da Rua da Conceição à Calçada da Cabouqueira

Sede marca percurso histórico

A história do Sindicato dos Professores da Madeira cruza-se com as suas sedes, ou melhor, fez-se pelas pessoas nas suas sedes e a partir delas. Recentemente, o sindicato deu o salto qualitativo para aquela que é a sua terceira morada, o novo edifício na Calçada da Cabouqueira, cujo projecto foi concebido pelo arquitecto João da Conceição. A primeira etapa foi na Rua da Conceição e, até Setembro de 2011, na Rua Elias Garcia, em cinco apartamentos.

Fomos ouvir Adília Andrade, ex-dirigente, sobre o percurso da instituição, que recordou que, em 1978, quando começou nas lides sindicais, as «instalações eram mais do que precárias: um espaço na Escola Primária da Rua da Conceição, nº 93, resultante de uma ocupação selvagem, tal como à época estava em voga.»

De 20m2 para 2.500m2

Nessa sede, na Rua da Conceição, havia uma «secretaria, com uns escassos nove metros quadrados, onde trabalhava a única funcionária, que tinha como equipamento a secretária, uma estante, uma máquina de escrever, e por uma loja, cuja ventilação era uma gateira gradeada, local de trabalho diário dos dirigentes, onde se realizavam as reuniões de direcção, aos sábados de tarde.»

Eram outros tempos, mas o que «faltava em condições materiais sobejava em entusiasmo, vontade de aprender e de acertar e dádiva.»

Em 1992, a aquisição da sede própria – inicialmente dois apartamentos na Rua Elias Garcia – foi um marco na vida do Sindicato dos Professores da Madeira. «Uma gestão exemplar dos fundos e uma visão cautelosa, mas segura, permitiu esta aquisição sem qualquer recurso a empréstimo», salienta Adília Andrade.

Génese do projecto

Face a novas necessidades e exigências, nomeadamente com a criação do Centro de Formação do SPM e o sector dos Professores Aposentados, «timidamente foi surgindo a ideia de construir uma sede de raiz».

Encarada a princípio como uma utopia (uma hipótese, um sonho), «só a partir de 2003 passou a constituir um desejo real.»

A partir dessa data «iniciou-se uma longa "via sacra". Bateram-se a muitas portas, elaboraram-se anteprojectos, foram pedidos apoios técnicos (arquitectos, engenheiros, juristas). Houve acertos e desacertos e muita inexperiência, e muita vontade de aprender.»

Potencial da nova sede

Adília Andrade alerta que, num sindicato, tal como nas escolas, «não são as boas instalações, nem as mais modernas tecnologias que levam à s melhores práticas ou aos melhores resultados», já que não são um fim em si mesmo.

Como voluntarista assumida, a ex-dirigente acredita, acima de tudo, nas pessoas. «São sempre as pessoas, as equipas, que, com esforço, trabalho, dedicação, criatividade, são o motor dinamizador da acção.»

Daí fazer votos que as novas instalações sejam mais um «incentivo à acção sindical, aliando a humildade e combatividade dos pioneiros à experiência adquirida ao longo destes 33 anos de existência». Até para que se cumpra o lema da actual Direcção: "Cada vez mais perto". Mais perto dos professores e educadores e seus anseios.

AA/NdS

© Nélio de Sousa

Primeira Sede na Rua da Conceição (1978), Sede e Centro de Formação na Rua Elias Garcia (1992) e, finalmente, o novo edifício na Calçada da Cabouqueira

Enfrentar os desafios do futuro

Projecto sindical renovado

O Sindicato dos Professores da Madeira fica em melhores condições para elevar os padrões dos serviços que presta aos docentes, nos tempos difíceis e exigentes que correm. Condições para renovar o projecto sindical e ser ainda mais e melhor sindicato.

Mais e melhor acção sindical

Além dos melhores meios para o Sindicato dos Professores da Madeira concretizar a sua acção reivindicativa, com os elevados padrões de exigência e responsabilidade de sempre, destacamos a evolução no Apoio Jurídico e Atendimento aos sócios; Formação Contínua; Informação e Comunicação; Actividades Culturais; Centro de Recursos e Biblioteca; Saúde e Bem-Estar.

Sem esquecer que, para os Delegados Sindicais em serviço do Sindicato dos Professores da Madeira e para os sócios em atendimento, existe estacionamento de curta duração, facilitando assim o acesso dos associados ao sindicato.

Proactividade e combatividade

Permite incrementar uma digna projecção social de uma instituição com a história, a credibilidade, o relevo e as responsabilidades do SPM, no contexto regional e nacional.

A história do Sindicato dos Professores da Madeira prova a sua combatividade e proactividade enquanto parceiro social, no quadro da nossa Democracia e da Constituição da República.

NdS

Sindicato dos Professores da Madeira com gente dentro

Já estamos a trabalhar na nova morada

Desde a sua fundação, em 22 de Março de 1978, que os associados e as sucessivas direcções do Sindicato dos Professores da Madeira (SPM) sonharam com uma casa com as condições do novo Centro de Formação e Sede, na Calçada da Cabou-queira, com o número 22 na porta, no Funchal.
É fruto do esforço e empenho de todos os sócios e dirigentes desta associação sindical ao longo da sua história.

Es socialmente reconhecido que o SPM tem sido o rosto de uma luta longínqua e titânica da valorização profissional da classe docente. As novas instalações são uma forma de dignificação e projecção dessas lutas da classe em prol da Profissão e da Educação. É um edifício marcante e uma imagem de referência da cidade do Funchal, um sinal de pujança e valorização da classe docente.

O novo edifício da Calçada da Cabouqueira é uma mais-valia para o sistema educativo e formação contínua dos professores da Região Autónoma da Madeira, em particular para os associados do sindicato. O Centro de Formação do SPM continuará a contribuir para a qualificação dos madeirenses, valorizando o conhecimento, a ciência, a tecnologia e a inovação. Um investimento que reverte para a sociedade, nessa partilha que os professores fazem do conhecimento com estudantes e formandos, contribuindo para o progresso social, cultural e económico da Região.

Espaço de encontro, reflexão e acção

A nova morada do mais antigo e maior sindicato de professores na Região situa-se um local de fácil acessibilidade, bem servido de transportes e de parques de estacionamento públicos. Por estas razões e pelos recursos que oferece, será um ponto de encontro da classe profissional e espaço de reflexão para a acção. Os docentes estarão mais próximos do seu sindicato, o que beneficiará os associados e a instituição, em simultâneo.

Os utilizadores deste edifício são recebidos num espaço amplo, acolhedor e com boas condições técnicas. Os serviços estão concentrados num mesmo prédio (a anterior Sede e Centro de Formação, na Rua Elias Garcia, estava dispersa por cinco apartamentos), de acesso facilitado a pessoas com dificuldades de mobilidade, que se estendem a todo os quatro andares servidos por dois elevadores, e encaminhados para os diferentes serviços.

NM, RP, NdS
Fotos: NdS

Auditório, Piso 3

Foyer, Piso 3

Foyer, Piso 3

Sala de Direcção, Piso 2

Sala de Actividades, Piso 2

Biblioteca, Piso 2

Sala de Informática, Piso 1

Atelier, Piso 1

Sala de Formação 1, Piso 1

Ginásio, Piso 0

Bar/Sala de Convívio, Piso 0

Secretaria, Piso 0

Centro de Formação do SPM foi certificado em 1993

Um trabalho de "agência" sindical e comprometimento social e cívico

Por ocasião da presença de Ariana Cosme, na Madeira, em trabalho no Centro de Formação do SPM, já nas novas instalações, disse-nos que o «Projeto Educativo das sociedades contemporâneas exige, hoje, dos seus educadores e professores, níveis de emancipação e maioridade científica, cultural e cívica». Por isso, a formação contínua é um «espaço de intervenção de inegável pertinência e actualidade», refere a docente universitária. No seu entender, as condições do novo Centro de Formação «premeiam e potenciam as energias e as horas empregues pelos educadores e professores.»

© Roberto Andrade

Novas instalações do Centro de Formação potenciam a transformação das práticas profissionais, diz Ariana Cosme

Em que sentido assume especial importância uma estrutura sindical ter a valência da formação contínua no serviço que presta à classe docente e que reverte, depois, para a Educação e a sociedade?

O Projeto Educativo das sociedades contemporâneas exige, hoje, dos seus educadores e professores, níveis de emancipação e maioridade científica, cultural e cívica, que possam garantir a formação de jovens adultos autónomos, críticos e intervenientes no mundo.

Os sindicatos de professores têm aqui, um espaço de intervenção de inegável pertinência e atualidade; trata-se de contribuir para apoiar a mudança e atualização de práticas de gestão pedagógica do trabalho docente, na procura do reconhecimento do papel, dos educadores e professores portugueses, como interlocutores qualificados neste desafio que é construir um Portugal cientificamente mais forte, culturalmente mais relevante e democrático e socialmente mais justo.

Tendo em conta as novas instalações do Centro de Formação do SPM, que possibilidades proporcionam e que espaço de progressão conferem ao sindicato nesta área da formação contínua?

Sabemos bem que "paredes e computadores" não chegam para fazer a transformação das práticas profissionais dos educadores e professores e garantir a mudança e a inovação dessas práticas, mas também sabemos da importância de trabalhar com boas condições logísticas para conciliar responsabilidade e comprometimento profissional, com satisfação e alegria no desenvolvimento da profissão.

É importante premiar o esforço e a dedicação de quem constrói, todos os dias, respostas inéditas para os desafios que o exercício do atendimento em Educação, hoje, exige dos docentes; atender às solicitações, necessidades e interesses de formação e atualização profissional dos educadores portugueses é uma forma de potenciar a participação política desses profissionais, por isso de "fazer sindicalismo".

Um Programa de Formação de Professores está longe de ser um projeto neutro e inócuo de "simples" aperfeiçoamento de expertises profissionais. As opções por umas ou outras temáticas clarificam intencionalidades educativas e projetos sociais e culturais e podem tornar-se ferramentas de intervenção cultural, técnica e cívica de indiscutível pertinência socio-profissional e isso é participar politicamente no debate e construção nacional, por isso, de "fazer sindicalismo".

«Atender às solicitações, necessidades e interesses de formação e atualização profissional dos educadores portugueses é uma forma de potenciar a participação política desses profissionais, por isso de "fazer sindicalismo"»

Uma leitura transversal dos Planos de Formação do Centro de Formação de Professores do SPM deixa claro o seu inequívoco trabalho de "agência" sindical e comprometimento social e cívico, a par de uma formação atenta e atual de práticas e técnicas profissionais; um trabalho de atendimento às necessidades e aos desafios que EDUCAR exige aos educadores, aos professores, aos alunos e às suas famílias.

A Ariana faz parte da bolsa de formadores do Centro de Formação do SPM, praticamente, desde o início da sua acreditação pelo CCPFC. Que importância atribui a estas novas condições para a qualidade da formação que disponibilizamos?

Guardo do "velho" edifício de Elias Garcia boas recordações do trabalho de muitas horas passadas com muitos educadores e professores da Região Autónoma da Madeira. Guardo boas recordações dessas tantas horas partilhadas que fizeram de alguns professores, amigos; amigos que partilharam leituras, materiais de trabalho, debates, reflexões, experiências, alegrias mas também dúvidas e inseguranças.

Mas do "velho" edifício de Elias Garcia não guardo saudades pois as condições precárias em que se desenvolvia o trabalho dos grupos em formação não premiavam e potenciavam as energias e as horas empregues pelos educadores e professores que, comigo, partilhavam essas horas.

Nesta última semana de Outubro pudemos experienciar a realização e desenvolvimento de um Curso de Formação para educadores e professores com as novas condições proporcionadas pelo Centro de Formação do SPM.

Dessa experiência registo, logo em primeiro lugar, as excelentes condições das salas de formação que garantiram a possibilidade de podermos ter constituído um grupo maior de formandos para, desse modo, aproveitar ao máximo a presença de um formador deslocado do continente.

Desenvolvido em condições ótimas o trabalho pôde completar-se com o recurso rápido e eficaz aos equipamentos multimédia e à sala de computadores apetrechada para responder a turmas com mais de 30 formandos (como era o caso).

O desenvolvimento, em simultânea coincidência de funcionamento, de cursos destinados a professores aposentados (mais afastados do dia-a-dia da escola, mas não do Sindicato/SPM), permitiu o cruzar-se destes profissionais com a turma de formação e entre profissionais que se conhecem, que se reconhecem e que se estimam.

A existência de um Centro de Recursos/Biblioteca, com um espólio razoável e com instalações convidativas ao desenvolvimento da leitura e estudo, constituem uma mais-valia a este trabalho de acolhimento e formação profissional e sindical.

Acções de formação contínua são prioritárias

Plano Anual de Formação do SPM

Este foi o Plano Anual de Formação aprovado pela Comissão Pedagógica do CF/SPM e pela Direcção do SPM e que resultou da consideração das ações prioritárias como sendo as mais procuradas pelos (as) docentes, após avaliação técnico pedagógica por parte da DRE de uma proposta de Plano bem mais ambicioso.

Apesar da clara parcialidade da DRE que avalia "por baixo" as acções dos (as) nossos (as) formadores (as) mais procurados (as) (ex: Jacinto Jardim; Rui Ramalho; Ariana Cosme e Isabel Baptista); apesar da redução do co-financiamento do FSE em 65% em relação a 2010 que resultou, em parte, da entrada no sistema de formação contínua de professores de entidades privadas não acreditadas pelo Conselho Científico e Pedagógico da Formação Contínua de Professores, de duvidosa legalidade (ex: empresas de fornecimento de serviços e equipamento informático); foi possível, ao CF/SPM, realizar 17 turmas de formação e calendarizar a realização de outras 5, até ao final deste ano civil.

De registar que todas estas ações estão, devidamente, acreditadas pelo CCPFCP, pelo que são contabilizadas, para efeitos de avaliação de desempenho, em todo o território nacional e que foi possível realizá-las a título gratuito, embora com esforço financeiro considerável por parte do Sindicato dos Professores da Madeira.

Rita Pestana,
directora do CF do SPM

Rumos Programa Operacional de Valorização do Potencial Humano e Coesão Social da RAM · QREN Quadro de Referência Estratégico Nacional · Região Autónoma · República · União Europeia Fundo Social Europeu

DESIGNAÇÃO DA ACÇÃO	FORMADORES	DESTINATÁRIOS	Nº FORMANDOS	HORAS	CRÉDITOS	MODALIDADE	DATAS
Ler e Escrever na Escola e no Jardim de Infância: Os Processos de Aprendizagem da Leitura e Escrita	Ariana Cosme	Ed. Infância e Professores do Ensino Básico	25	25	1	Curso de Formação	11 a 16 de Abril
Ler e Escrever na Escola e no Jardim de Infância: Os Processos de Aprendizagem da Leitura e Escrita	Ariana Cosme	Ed. Infância e Professores do Ensino Básico	25	25	1	Curso de Formação	11 a 16 de Abril
Semear Uma Cultura de Paz nas Escolas Através da Criatividade	Cintia Palmeira	Ed. Infância e Professores do Ensino Básico	25	25	1	Curso de Formação	28 e 29 de Abril e 2, 3, 4, 5, 9 e 10 de Maio
Programa de Auto-Aperfeiçoamento para a Activação de Mudanças Positivas	Jacinto Jardim	Todos os Graus de Ensino	25	25	1	Curso de Formação	16 a 23 de Maio
Programa de Auto-Aperfeiçoamento para a Activação de Mudanças Positivas	Jacinto Jardim	Todos os Graus de Ensino	25	25	1	Curso de Formação	16 a 23 de Maio
As TIC no Ensino da Matemática em Educação Básica	Rui Ramalho	Professores do 1º CEB e Profs de Matemática dos 2º e 3º Ciclos	25	25	1	Curso de Formação	4 a 9 de Julho
As TIC no Ensino da Matemática na Educação Infantil	Rui Ramalho	Professores dos Grupos 100	25	25	1	Curso de Formação	4 a 9 de Julho
Pedagogia Diferenciada: Estratégias de Sucesso	Fernando Lima	Profs dos 1º/2º/3º/ciclos e Ens. Secundário	25	25	1	Curso de Formação	18 a 21 de Julho
Trabalhar a Hiperactividade na Sala de Aula	Dulcineia Pires	Professores do Ensino Básico e Secundário	25	25	1	Curso de Formação	5 a 8 de Setembro
Avaliação de Desempenho e Ética e Profissional	Isabel Baptista	Docentes de Todos os Graus de Ensino	25	30	1.2	Curso de Formação	5 a 8 de Setembro
Avaliação de Desempenho e Ética e Profissional	Isabel Baptista	Docentes de Todos os Graus de Ensino	25	30	1.2	Curso de Formação	9 a 14 de Setembro
A Gestão dos Conflitos e da Indisciplina na Escola e nas Salas de Aula	Ariana Cosme	Professores dos 2º e 3º CEB e Ensino Secundário	20	25 (SP) 25 (TA)	2 (CM)	Oficina de Formação	6, 7, 8, 28 e 29 de Outubro
Teaching English To Teenagers	Veríssimo Toste, Vanessa Esteves e Vanda Meneses	Professores de Inglês dos 2º e 3º CEB e Ensino Secundário	25	25	1	Curso de Formação	20 a 23 de Julho
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa	José Luís Freire	Professores do Ensino Básico e Secundário	25	25	1	Curso de Formação	5 a 8 de Setembro
Programa de Desenvolvimento de Competências: Para a optimização do desempenho do docente	Jacinto Jardim	Todos os Graus de Ensino	25	25	1	Curso de Formação	20 a 27 de Julho Manhã
Programa de Desenvolvimento de Competências: Para a optimização do desempenho do docente	Jacinto Jardim	Todos os Graus de Ensino	25	25	1	Curso de Formação	20 a 27 de Julho Manhã
Ler e Escrever na Escola e no Jardim de Infância: Os Processos de Aprendizagem da Leitura e Escrita	Ariana Cosme	Ed. Infância e Professores do Ensino Básico	25	25	1	Curso de Formação	24 a 27 de Outubro

A REALIZAR

Semear Uma Cultura de Paz nas Escolas Através da Criatividade	Cintia Palmeira	Ed. Infância e Professores do Ensino Básico	25	25	1	Curso de Formação	21, 22. 24, 25, 28, 29 de Novembro e 2 de Dezembro
Coaching com docentes: para liderar pessoas e grupos emprendedores	Jacinto Jardim	Todos os Graus de Ensino	25	25	1	Curso de Formação	14 a 19 de Novembro Manhã
Coaching com docentes: para liderar pessoas e grupos emprendedores	Jacinto Jardim	Todos os Graus de Ensino	25	25	1	Curso de Formação	14 a 19 de Novembro Tarde
Taxonomia e Biossistemática	Jorge Paiva	Professores de Biologia/Ciências	25	25	1	Curso de Formação	5, 6, 7 e 9 de Dezembro
Inovação e História: contributos para a Melhoria do Ensino	António Romeiro	Professores dos Grupos 200 e 400	25	30	1.2	Curso de Formação	23 a 26 de Novembro

SP – Sessões Presenciais TA – Trabalho Autónomo CM – Creditação Máxima

** a aguardar datas*

Sobrevivendo a algumas máximas

A mulher ideal

Quando adolescente e aos 20 anos pensava que a mulher ideal existia.

Uma mulher devia ser linda como a Sofia Loren ou a Gina Lolobrígida e até talvez com o sex appeal da Brigitte Bardot. (Usei este termo propositadamente, hoje em dia os nossos filhos diriam “sexy”).

Devia ser uma esposa amantíssima e uma mãe extremosa.

E ser boa dona de casa e boa cozinheira, fazer tricot e saber costurar aquele mínimo, pregar botões e fazer baínhas nas calças das crianças e coser joelheiras. Nesse tempo havia tantas costureiras e tão boas. Não havia nem Zara nem Cortefiel. Era só a Maison Blanche onde se encontrava de tudo desde o alfinete ao frigorífico. Podia-se lá ir de carro. Parava-se mesmo à frente, ou então havia sempre lugar, ou no Largo do Chafariz, sem parcómetros.

Fui educada a admitir que existiam alegrias na maternidade e prazer no dever cumprido. O que eu refilei quando me diziam: “A mulher de César não só deverá ser séria, é preciso que o pareça”. O meu maior choque foi quando dei por mim a dizer a mesma coisa à minha filha adolescente por outras palavras.

A dada altura da vida comecei a ter de fazer escolhas.

Qual a importância da minha profissão nesta história? Preparar as aulas, ver pontos e reuniões às seis da tarde.

Não há uma mulher ideal, existem super mulheres que são óptimas mulheres, mães dedicadíssimas, donas de casa eficientíssimas, excelentes cozinheiras, professoras fabulosas e o resto são tretas. Sobrevivi a todas estas máximas. Nem bem nem mal. Assim e assim.

Maria Emília Zino

Concurso «Mulher Ideal Portuguesa», iniciado em 1966 e que se manteve até 1973, escolhia uma dona de casa que soubesse cozinhar, mas que fosse também elegante e culta

Desenho um oito

Vou vendo o traço
Que vai e volta,
Sem qualquer pressa,
E sem revolta,
Para acabar
Onde começa.

E forma um laço
Que me sugere
Um forte abraço
Dado ao que faço,
Na minha vida,
A cada passo.

Lídia Barbeito

© Maria da Paz Ferreira

Chuva, vento, nevoeiro e tapetes fofos de folhas

Chegou o Outono

Todos os dias são diferentes. Mas, de repente, temos nas mãos, um bem mais diferente. Chuvinha doce e molhada. Pingos que lavam a alma, mesmo quando andamos à procura dum descanso do sol para partilharmos o calor e a amizade. Entretanto, os tapetes da natureza castanhos dourados e brilhantes estenderam-se fofos debaixo dos nossos pés.

Assim, encontramos o abrigo, o aconchego, o calor humano. Valeu a pena tanta procura errante por um raio de sol. Vagueamos nas cortinas de nevoeiro, tornando mágicos os braços das árvores procurando a luz. Depois, foi bom, ficar com elas, tocar-lhes assim em plena natureza, sentindo um universo inteiro na sua força, luz e cor.

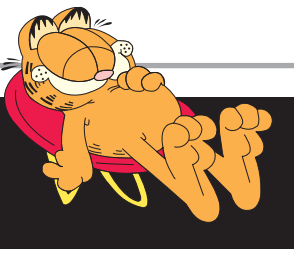
Merendas carinhosas e saborosas, temperadas de ar puríssimo e perfumes discretos dos ouriços, oferecendo o seu coração aberto de castanhas. Tentação para muitos, agarrar pedacinhos vivos da floresta para se sentir em casa. Depois!

E, lá no alto, ficava a música do vento, da chuva e das gargalhadas alegres. Por isso, voltar à rotina exigia música com chuva, vento, nevoeiro e tapetes fofos de folhas pintadas pela mão de Deus.

Maria da Paz Ferreira

FOLHA CULTURAL

Coordenação de Helena Lima



de papo pró ar

Não havia carros, rádios, telefones nem chocolate. E não faziam falta

70 anos passaram...

Lido e Santo da Serra em 1935

É mágico cavalgar assim o tempo sem perder o encanto dos primeiros passos numa vida…

Aos sete anos, as suas primeiras férias de descoberta foram vividas numa magnífica viagem até à "Ilha". A nossa Ilha - recanto perdido no coração da grande ilha. Num transporte suado, através de montanhas imensas, árvores ameaçadoras no nevoeiro… E, o colo da mãe que a acompanhava…

Essa Ilha, guardada entre duas ribeiras que corriam brilhantes e prateadas ou douradas durante todo o verão. Atravessá-las descalça, era uma aventura.

Aninhadas, nos socalcos e encostas, coberturas de palha, debaixo das quais dormiam crianças como ela.

Caminhos de terra, atapetados de ervas e flores onde as borboletas voavam livremente ao sol e, as abelhas e as vespas picavam de vez em quando. Eram gritos, logo esquecidos pela correria livre no meio dos cheiros do vento e das amoras, das uvas maduras que esperavam a sua mão de menina para serem colhidas, mordidas e logo atiradas fora.

A escuridão nos "furados" acendia luzes na alma simples da criança, que, tinha medo e apertava a mão que a conduzia debaixo das gotas de água que caíam frias e teimosas sobre a sua cabeça.

Num dia, no campo de milho, uma pequena fogueira e, o sabor da maçaroca assada rangendo nos dentes e ainda escorrendo leite.

Cheirava a fumo mas era bom e puro no silêncio duma paisagem desdobrando-se até ao céu, onde nem o som dos sinos distantes chegava e, as vozes ondulavam na bruma que descia dos castelos da imaginação.

Noutro dia, o leite quente e fresco da vaca numa linda taça vede, improvisada com uma folha macia de inhame.

E a "casa da vaca"!... Era preciso tirar os sapatos se os tivesse e, depois, passear a mão na pele quente e viva que, tremia de vez em quando sob a caricia confiante da mão pequenina que não tinha medo.

Ainda noutro dia (nas casas que estavam sempre abertas) a farinha, as mãos amassando e batendo, criando pãezinhos pequenos para a garotinha feliz que tudo queria aprender.

Não havia água nem luz dentro das casas mas, os galos, bem cedinho, acordavam toda a gente e, na noite, as estrelas e a lua nunca foram tão brilhantes, derramando prata sobre a terra, iluminando até dentro de nós.

E, imagine-se! Não havia carros, rádios, telefones nem … chocolate! E não faziam falta!

Quando a doença chegava, a dor era embalada numa rede durante horas aos ombros de ferro de dois gigantes.

Às vezes chegavam a tempo ao remédio salvador. Mas quase nunca.

Houve também alguns sustos enormes: depois de rebolar como um gatinho no trigo à espera de ser moído e, que se espalhou pelos arredores; e, na tentativa de ajudar a conduzir uma enorme vaca, num caminhinho estreito, fê-la mergulhar num tanque.

A água correndo no moinho e fazendo farinha que enchia os sacos tornava-nos a todos brancos e puros. Sentir a farinha leve caindo nas mãos lavava a alma.

Foi assim que ela aprendeu o valor do pão, brincando com o trigo e correndo loucamente no meio das espigas que iam até o céu.

Ficaram na memória as gargalhadas doidas de gente crescida, coroada de entusiasmo ouvindo repetidamente a leitura pela criança de uma história infantil de patos que ficavam colados uns aos outros.

Nesse tempo e nesse espaço, ninguém mesmo tinha cadeado no coração.

Onde está esse mundo e essa simplicidade?!

A menina cresceu… cresceu!

Mas, tem saudades.

Maria da Paz Ferreira

Arte Nova e Arte Déco

Visita à Quinta das Cruzes

Com o pretexto de visitar as exposições temporárias: "Arte Nova e Arte Déco: O silêncio das formas" e "Espelho Meu", patentes no Museu, o Sector dos Professores Aposentados do Sindicato dos Professores da Madeira organizou uma visita guiada ao Museu Quinta das Cruzes no passado dia 28 de Outubro.

É sempre muito estimulante ver ou rever o interessante e rico espólio das colecções que integram o Museu, que abrangem núcleos tão diversos como a Pintura, a Escultura, a Cerâmica, Desenho e Gravura, Mobiliário, etc., que se situam cronologicamente entre o século XV e a 1ª metade do século XX, abrangendo toda a produção europeia e oriental com destaque para a produção portuguesa.

A Exposição temporária "Arte Nova e Arte Déco: O silêncio das formas" procura estabelecer um diálogo com as belíssimas colecções de pratas expostas, valorizando sobremaneira as peças do Museu Frederico de Freitas, ali presentes.

A outra exposição, "Espelho Meu", tenta um confronto provocatório entre os contemporâneos auto-retratos de Gaëtan e o retrato seiscentista de D. Francisco de Moura Corte Real.

E para finalizar em apoteose assistimos a um concerto do orquestrofone que nos deliciou com uma das suas muitas peças.

Depois de alimentar o espírito é preciso saciar o corpo e nada melhor do que desfrutar dos serviços do bar do Museu com o Funchal aos nossos pés.

Uma visita que se recomenda a todos aqueles que se interessam pelo belo.

Um grande agradecimento à Direcção e ao pessoal do Museu pela simpatia e disponibilidade com que nos receberam.

Raimundo Figueira

Orquestrofone, comprado pelo 1º visconde de Cacongo, João José Rodrigues Leitão, na Exposição Universal de Paris, em 1900. Actualmente no Jardim da Quinta das Cruzes

Rita Pestana, referência incontornável do SPM e do sindicalismo

Escolas estão a transformar-se em ilhas e cada professor num ilhéu

© Roberto Andrade

«Também tenho isso no meu currículo – saneada da delegação escolar através de ofício assinado pelo presidente do Governo Regional. Naturalmente, não é assim que ele entende; para ele não foi saneamento, foi dispensa dos meus serviços»

Rita Pestana tem 57 anos. Professora de Educação Especial, aposentada, iniciou funções como professora do ensino primário em 1972. Seis anos mais tarde, foi eleita subdelegada escolar do município da Calheta, função que desempenhou até Julho de 1981, quando foi directamente "dispensada" de funções pelo presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim.

Em 1983, iniciou funções como dirigente do Sindicato dos Professores da Madeira, tendo sido a primeira a exercer a actividade sindical com dispensa da componente lectiva. Foi conselheira nacional da Federação Nacional dos Professores (Fenprof) entre 1983-2007 e membro do Secretariado Nacional (1986-1991); entre 2001-2007, foi presidente do Conselho Nacional. Paralelamente, foi deputada do Partido Socialista à Assembleia Legislativa Regional da Madeira durante três mandatos (1988-1992, 1992-1996 e 2000-2004), no último dos quais exerceu o cargo de vice-presidente. Actualmente, é presidente da Mesa da Assembleia-Geral do Sindicato dos Professores da Madeira, de cujo Centro de Formação é também directora. Rita Pestana recebeu a PÁGINA no lugar onde tudo começou: à beira-mar, no Seixal (Porto Moniz).

Como é ser professora rodeada de água por todos os lados? Com todo este mar em volta?

Bom, eu nasci e cresci aqui, rodeada de mar. Portanto, nessas circunstâncias, ser professora aqui é apenas e tão só a continuidade do crescimento e da aprendizagem que fiz nesta ilha.

De alguma forma, esta condição geográfica – digamos assim – molda a personalidade das pessoas? E, no caso, da professora?

Necessariamente... Um ilhéu é um ilhéu, tem uma personalidade muito própria, na maior parte das vezes fechada, reservada. E acho que eu não fui excepção à regra, era assim que eu era. Mas só se começa a sentir essa condição quando saímos da ilha. Quando começamos a sair e a ter outras perspectivas, outras visões do mundo e da vida para além da ilha, aí começamos a fazer a distinção, a perceber o quanto isolados estamos e o quanto esse isolamento condiciona a nossa personalidade. É outra aprendizagem: por um lado, o apelo do regresso, o gostar de sair, mas também gostar de rapidamente voltar; por outro lado, como aconteceu comigo, devido à actividade sindical e política, que me levou a sair muitas vezes, a sensação – ou talvez certeza – de que a nossa forma de ver o mundo e a vida começa a ser alterada. E então começa também a desabrochar a sensação de isolamento, de se ser uma pessoa fechada, com pouco sentido de humor.

Essa é a dimensão mais pessoal. A nível profissional, sentiste algum constrangimento?

Naturalmente, fui sentindo ao longo do meu percurso profissional, mas vou dar um exemplo elementar. Quando acabei o curso e comecei a trabalhar, nunca tinha saído da ilha. Por outro lado, não havia os meios de pesquisa que hoje temos – aqui, em Porto Moniz, nem sequer havia televisão... Portanto, falar de linhas de caminho-de-ferro, que aqui não havia, dos rios, etc., era uma coisa tão abstracta para mim quanto para os meus alunos, uma coisa muito teórica, sem nenhuma base de conhecimento real.

Como é que decidiste ser professora?

Eu não decidi. Desde muito cedo, eu tinha outras ambições: durante a infância e adolescência sonhava ser advogada... Não fui. Exactamente pela condição de viver numa ilha e porque os meus pais não permitiram que eu saísse da ilha para ir estudar.

Aqui não havia Ensino Superior...

Não, não havia. Tínhamos que sair, e a minha mãe não me permitiu, penso que não tanto por questões financeiras, mas por razões culturais. Nessas circunstâncias, as únicas opções eram a enfermagem e o magistério. E eu optei pela escola do Magistério Primário do Funchal.

Em que ano começaste a leccionar? Nessa altura era difícil ser professora?

Comecei em 1972. Era difícil em termos de estruturas. Eu comecei a trabalhar numa cave de uma igreja, nos Lamaceiros de Porto Moniz – uma sala enorme, onde era difícil ouvirmo-nos uns aos outros, com aquelas carteiras inclinadas... Em termos de relação pedagógica, do que eram as necessidades dos alunos, os desejos

de aprender, reconheço que era muito mais fácil do que é hoje. Até porque nessa altura o professor era o detentor da sabedoria. Para aquelas crianças, que viviam tão isoladas quanto eu e que tinham gosto de aprender, a professora era alguém que estava ali para os acompanhar no seu crescimento, na sua aprendizagem. E para os pais, idem. Portanto, tínhamos uma situação bastante facilitada.

Sendo a ilha um território pequeno, mas certamente com as distâncias ampliadas pelas condições de deslocação, que implicações teve o início de carreira? O afastamento da família…

O meu afastamento da família tinha-se dado muito antes. Eu acabo a instrução primária aqui no Seixal, onde estamos, faço o primeiro e o segundo ano num colégio aqui perto, mas a partir daí, alguém, talvez a minha mãe, quis mais alguma coisa para a filha que estava a estudar e tinha que tirá-la deste meio. E então vou para o Funchal, onde fui interna no Colégio de Santa Teresinha, das irmãs Vitorianas, que tem excelentes recordações para mim. Isto, para dizer que o meu afastamento da família dá-se exactamente quando tenho 12 anos. Quando acabo o curso e regresso ao Porto Moniz, aqui muito perto do Seixal, digamos que é um voltar às origens, apesar de continuar deslocada de casa, porque não havia meios que me permitissem vir todos os dias para casa.

Se me perguntarem se isso foi bom para início na profissão, não sei... Dizer, apenas, que foram três anos excelentes, que gostei muito de trabalhar no Porto Moniz e que, para além de início de carreira, foi o início de muito trabalho. Mas muito trabalho mesmo, porque era uma altura em que já todas as crianças iam à escola, já havia telescola e os adultos analfabetos também tiveram condições para voltar à escola e queriam aprender a ler e a escrever. Foram três anos em que, devido à falta de professores, eu fazia três turnos diários: manhã, tarde e noite! Começava às 9h00 da manhã e terminava às dez da noite...

Isso após o 25 de Abril?

Não, esta situação é anterior ao 25 de Abril. Já havia uns cursos de adultos, e a telescola inicia-se exactamente um ano antes. Não é necessariamente uma questão ligada ao 25 de Abril.

Mas há alguma mudança significativa que seja consequência do 25 de Abril?

Há, naturalmente, mas sobretudo a nível pessoal. A nível profissional, a melhoria de vencimento é muito significativa, porque representa uma afirmação da valorização do papel do professor. Mas a grande mudança é a nível pessoal.

Se me perguntares se tinha alguma formação política, não tinha, tirando um certo abrir de olhos no Magistério, particularmente através dos professores padres. Os meus professores de Música e de Religião e Moral eram padres espectaculares (vim a perceber depois que eram padres revolucionários) e, digamos, o convívio com eles pode ter-me desvendado algo da questão política.

Portanto, não tinha formação política, mas senti um apelo interior. E lembro-me de andar aí, com uma grande amiga do Porto Moniz, pintando nas estradas *Viva a Liberdade, Viva o 25 de Abril*. Sem discutirmos rigorosamente nada, agarrávamos num balde de tinta e num pincel e íamos pintar... [risos] E se calhar nem sabíamos para que é que aquilo servia, para que é que a gente queria a liberdade...

Mas, mesmo não sabendo o que se estava a passar tão longe daqui, o facto é que alguma coisa vos despertou. Alguma coisa devem ter sentido, um impulso…

Exactamente. Era um apelo que vinha de dentro. Havia alguma coisa que estava a acontecer, que estava a mudar, e nós queríamos participar! Emocionalmente, fisicamente… Queríamos participar dessa mudança. E a forma que encontramos para participar, uma vez que estávamos afastadas de tudo, de qualquer centralidade onde a revolução se sentia, era pintar. [risos] Efectivamente, aqui não se sentia nada! Além da Tuca e da Rita, que pintavam *Viva a Liberdade* no meio da estrada, aqui não havia revolução... [risos]

E na escola, sentiu-se alguma mudança logo na altura?

Rigorosamente, na escola onde dava aulas, eu era a única. Só havia uma sala, eu tinha uma turma de manhã e outra à tarde, só havia mesmo uma professora. No concelho, nas reuniões que tínhamos, não me lembro quantos éramos, uma dezena, se tanto! Porque nós todas acumulávamos. Eu não me recordo de falarmos do 25 de Abril entre colegas… Não havia colegas envolvidas, com os pais das crianças não falávamos assim… As pessoas ainda estavam com aquela coisa, falavam entre dentes. Portanto, era eu e a turma. De facto, naquele momento, a revolução era eu e a Tuca… [risos]

© Roberto Andrade

Rita Pestana defende que o movimento sindical deve acompanhar as mudanças sociais e políticas e ser proactivo: «não estamos» no «pós-25 de Abril»

Em termos de profissão, quando é que se dão então as grandes mudanças, da carreira, das políticas… quais são os momentos mais significativos?

Eu penso que, eventualmente, o peso e a influência das políticas pós-25 de Abril só começam a sentir-se, aqui na Madeira, passado um ano ou dois, com a alteração dos programas.

«Participei nas primeiras assembleias que conduziram à criação do Sindicato dos Professores da Madeira»

Nessa altura, já estou na Calheta, outro concelho rural, e efectivamente começam a sentir-se algumas mudanças, com acções de formação para implementação dos novos programas, e aí com a presença de colegas vindos do continente, o que nos dá uma visão mais alargada do que está a acontecer a nível nacional. E há, também, uma importante alteração ao nível da direcção das escolas, que eu vivo pessoalmente e que é a criação das delegações escolares a nível concelhio, que nada têm a ver com as actuais – no continente já não existem, mas nós ainda temos.

Na altura, as delegações eram estruturas intermédias e efectivamente democráticas. Eu fui subdelegada escolar desde o primeiro momento, mas eleita pelos meus colegas; os delegados e os subdelegados eram professores eleitos pelos seus colegas.

Quase como agora…

Agora é o antigamente, é o antes do 25 de Abril.

Mas eu acho que é aí, de facto, que se começa a sentir que há participação dos professores, que há discussão, que há debate, que as decisões são democráticas; é aí que se criam os conselhos escolares, onde efectivamente as pessoas discutem e decidem sobre a vida das escolas.

Mas é também aí que eu, pessoalmente, começo a sentir o peso do que é ser-se democrática. É na delegação escolar...

Em que circunstâncias sentiste isso?

Senti quando fui saneada pelo presidente do Governo Regional, que ainda continua a ser… Também tenho isso no meu currículo – saneada da delegação escolar através de ofício assinado pelo presidente do Governo Regional.

Naturalmente, não é assim que ele entende; para ele não foi saneamento, foi dispensa dos meus serviços. É mais pomposo, mas está clara e inexoravelmente ligada às minhas opções políticas, que nessa altura já eram suficientemente

© Roberto Andrade

«Os sindicatos não podem ser rigorosamente nem de um lado nem do outro. Não podem funcionar como correias de transmissão do que quer que seja»

claras. Portanto, é também aí que começo a sentir o peso de um novo poder centralizador – estamos a falar de há trinta 30 e tal anos, do novo poder centralizador que se estava a criar na Região Autónoma da Madeira.

Entretanto, como chegaste ao sindicalismo? Foi mais um impulso, uma necessidade, ou foste "vítima" de alguma campanha de angariação?

Fui, de facto, "apanhada", mas muito bem apanhada, devo dizer. Não foi apelo, até porque na altura do meu saneamento já era sócia e recorri ao sindicato, porque achava que, sendo sócia, ele teria alguma palavra a dizer sobre o meu afastamento. Mas, efectivamente, nada aconteceu. Portanto, desliguei-me absolutamente. Continuei a ser sócia e a pagar quotas, mas desligueime, emocional e afectivamente. Um dia…

Antes do 25 de Abril, havia aqui algum tipo de movimento, de associativismo de professores?

Que eu me lembre, não... Mas podia, eventualmente, existir. Sei que havia alguns professores, particularmente do Ensino Secundário, que tinham ligação aos Grupos de Estudo do continente. Eu, pessoalmente, não tinha nenhuma ligação. Mas participei – embora não de forma activa, devo dizer – nas primeiras assembleias que conduziram à criação do Sindicato dos Professores da Madeira, apenas em Março de '78, quase quatro anos depois do 25 de Abril. Ainda assim, foi o primeiro a nível regional, e único durante alguns anos.

Até que um dia…

Houve esse período em que estive afastada, acho que até '84. E um dia, já eu era militante do PS, recebi um convite, através do partido, para participar numa reunião com a presença de um professor dos Açores, que mais tarde saberia tratar-se do Francisco Sousa, presidente do Conselho Nacional da Fenprof durante alguns anos. Nessa reunião fiquei a saber que tinha sido constituída a Federação Nacional dos Professores, que o meu sindicato já fazia parte e que a presença do Francisco tinha a ver com a percepção que havia na Fenprof da pouca actividade do SPM. Encontrei aí muitos colegas: uns eram militantes do partido, Luís Amado (o ex-ministro), Raimundo Quintal, Celso Caires; outros eram absolutamente independentes, por exemplo, a Adília Andrade, a Amélia Carreira, a Manuela Rocha, que sempre foram independentes, com uma visão de esquerda.

«É com enorme orgulho que a presidência do Conselho Nacional da FENPROF faz parte do meu currículo sindical e pessoal»

Isto acontece a pouco tempo das eleições no sindicato e, portanto, relativamente a mim, o apelo vem de fora, da Fenprof. Um apelo não no sentido de excluir alguém, mas de se fazer alguma coisa para vitalizar o sindicato, pô-lo a funcionar. E então vejo-me envolvida numa lista alternativa, que tem este núcleo essencial de pessoas – lembro-me, ainda, de professoras do 1º Ciclo, como a Teresa Pinheiro, a Lídia Gomes… – e que ganha as eleições. É assim que, digamos, eu "caio" no SPM e, através dele, na Fenprof.

E acabas por te tornar o "rosto" do Sindicato dos Professores da Madeira. Coordenadora, presidente…

Não, não, não. Nessa altura os estatutos do SPM não previam nenhuma instância de coordenação; a direcção era um órgão colegial. O assumir de uma presença mais assídua, dessa figura de "coordenação", digamos, tem a ver com o facto de ter sido a primeira dirigente do SPM, e a nível regional, a exercer funções a tempo inteiro, com dispensa da componente lectiva, e de representar o SPM no Secretariado Nacional da Fenprof. É por essa via que, de alguma forma, apareço mais junto dos professores, nas escolas, na comunicação social. Mas, efectivamente, era um trabalho de equipa, de cooperação, em que não havia a figura de coordenador, ou presidente.

Mas foste presidente do Conselho Nacional da Fenprof, sucedendo exactamente ao Francisco Sousa…

Efectivamente… Sucedendo ao Francisco, quando ele se retirou por motivos pessoais.

Havia reciprocidade entre as actividades que desenvolvias no SPM e na Fenprof, ou era simplesmente uma função de representação? A qual atribuías mais importância?

Eu gosto muito da Fenprof, e tudo aquilo que fiz foi sempre no sentido, também, de valorizar a Federação. Mas, por uma questão de defesa do meu sindicato, que acho absolutamente legítima, a minha prioridade foi o SPM. Foi sempre mais importante aquilo com que, eventualmente, poderia contribuir para o crescimento, para a afirmação, para a valorização do meu sindicato e dos professores em exercício na Madeira.

Agora, tenho que dizer com muito orgulho que, para mim, a Fenprof foi uma referência. Atrever-me-ia a dizer, sem querer ferir susceptibilidades, que a Fenprof e o Secretariado Nacional de então – e sublinho de então, porque é o que conheço – foi a minha grande escola sindical. E, naturalmente, é com enorme orgulho que a presidência do Conselho Nacional faz parte do meu currículo sindical e pessoal.

Era nessa perspectiva que eu perguntava se, na tua passagem pela Fenprof, trouxeste ou levaste mais?

Não, acho que trazia muito da Fenprof. E dos dirigentes do Secretariado Nacional. E isso influenciou o crescimento e a estrutura do SPM. Por exemplo, quando eu cheguei, em '84, a nível do 1º Ciclo, nós tínhamos 16% dos professores sindicalizados, mas rapidamente, quase no primeiro mandato, ultrapassámos os 50%. E nessa altura houve, de facto, uma entreajuda muito grande entre o Secretariado da Fenprof e o SPM, com a participação em reuniões de dirigentes nacionais: o António Teodoro, o Linhares de Castro, a Lourdes Fernandes, a Manuela Esteves, a Margarida Elisa… De facto, a presença dos dirigentes nacionais nessa fase da vida do SPM foi muito importante.

Em termos da importância das duas estruturas, e olhando com a distância possível, como vês hoje a situação?

Eu acho que o sindicalismo, tal como outras instituições, vivem momentos muito difíceis. A situação social e política tem, naturalmente, influência na vida dos sindicatos e da Fenprof. E aqui permitir-me-ia dizer, sem querer ferir susceptibilidades, que sinto alguma frustração, porque sinto que, muitas vezes, a actual Fenprof não tem acompanhado devidamente, não tem sabido adaptar as suas estratégias e não tem levado o movimento sindical a acompanhar as mudanças sociais e políticas. Às vezes sinto que, em termos de estratégia sindical, a Fenprof age como se estivéssemos no pós-25 de Abril. E não estamos.

Se me perguntares o que é que pode ser feito… Reflectindo em voz alta, julgo que estamos num momento crucial, em que a Fenprof deve tentar reflectir sobre si própria. Nós tivemos uma ministra que foi odiada pelos professores, Lurdes Rodrigues; passámos para uma Isabel Alçada, de que os professores não gostavam nem desgostavam, mas achavam que não era nada; e agora temos um ministro, de quem, se formos a ver, a maioria dos professores gosta. E isto, naturalmente, tem que influenciar a estratégia da Fenprof, porque não se pode agir com este ministro da mesma forma que se agia com Lourdes Rodrigues.

Na tua opinião, isso deve-se apenas à actual situação política, ou é algo mais profundo? Os sindicatos estão em crise?

Precisam de se repensar e,

essencialmente, de se modernizar, de se adaptar às novas situações. Os sindicatos não podem ser rigorosamente nem de um lado nem do outro, e não estou a falar só da Fenprof; não podem funcionar como cassetes, nem ser correias de transmissão do que quer que seja – têm que se reinventar dentro da classe que representam. Sem esquecer, naturalmente, o papel dos sindicatos específicos, como os dos professores, no seio do movimento sindical em geral. Porque nós vivemos num mundo global, em que os problemas dos outros trabalhadores influenciam a vida das escolas e das comunidades educativas. E dos professores, obviamente.

Por falares em "correias de transmissão"… Durante anos, também tiveste responsabilidades no PS, foste dirigente e deputada regional. Entretanto, no tempo da ministra Maria de Lourdes Rodrigues, abandonaste o partido…

Exactamente.

Como é que uma ministra, ainda por cima dita independente, consegue abalar as convicções de uma militante partidária e levá-la à saída? Ou foi o partido que se desviou?

Não, não foi a Lourdes Rodrigues que abalou as minhas convicções; nem sequer o então primeiro-ministro. De todo!

Eu exerci funções políticas activas, e fui deputada 12 anos. Fi-lo, tendo sempre a perfeita consciência de que as duas actividades, política e sindical, não colidiam, nem feriam os meus princípios, a minha alma – e a minha alma esteve sempre com a defesa dos direitos dos trabalhadores, com a justiça social.

O que é que acontece no primeiro mandato de José Sócrates, e particularmente da ministra Lourdes Rodrigues? É o momento em que aquilo que, então, o meu partido defende entra em choque com as minhas convicções: políticas, sindicais e profissionais. É o momento em que eu, enquanto profissional da Educação, começo a sentir-me traída pelo meu próprio partido; o momento em que sinto que a minha profissão está a ser agredida e maltratada de forma injusta. E é aí que se dá, de facto, a quebra de confiança relativamente àquele PS – que já não era o partido com as bases sociais em que eu acreditava.

Portanto, não foi a Maria de Lourdes que abalou os meus princípios – os meus princípios é que passaram a não estar de acordo com aqueles que eram os princípios do PS naquele momento.

Voltando ao teu lado sindicalista. Com as limitações que referiste, e neste panorama de crise, o que podem valer os sindicatos?

Eu considero que os sindicatos, sejam de que profissão forem, são um dos pilares fundamentais da Democracia. E que mesmo com alguns constrangimentos, como aquelas questões que referi, eles estão sempre ao serviço dos professores e são os seus principais defensores, se não únicos.

Na relação com os últimos governos, se os sindicatos não conseguiram mais (e conseguiram muito), tiveram o papel fundamental de não permitir que os governos fossem tão longe quanto gostariam e poderiam ter ido. Aí, os sindicatos e a Fenprof tiveram efectivamente um papel fundamental. Não tenho absolutamente dúvida nenhuma!

> «Os sindicatos tiveram um papel fundamental de não permitir que os governos fossem tão longe quanto gostariam»

E devem limitar-se à acção reivindicativa – como defendem alguns fazedores de opinião, que consideram que os sindicatos andam a meter a foice em seara alheia – ou, pelo contrário, a sua acção deve ter outras dimensões?

Naturalmente. Além da dimensão reivindicativa, pela melhoria das condições de trabalho, etc., considero que os sindicatos são as instituições que mais se preocupam, por exemplo, com a formação contínua dos professores, que oferecem mais espaços e oportunidades de debate, de discussão de questões que vão muito para além das meramente reivindicativas… Em termos do que é a profissionalidade dos professores, da defesa da imagem profissional dos professores, os sindicatos continuam a ser as estruturas por excelência.

Podemos dizer que…

Agora é assim, eu acho que também podem ir mais longe. Eu conheci tempos em que a Fenprof era muito mais proactiva. Neste momento, retirando as discussões da profissionalidade, onde tem um papel fundamental nos aspectos reivindicativos, parece-me que age mais por reacção do que propriamente por iniciativa.

Provavelmente, muitos professores já não se lembram que o primeiro estatuto da carreira docente nasceu por acção da Fenprof. Os primeiros projectos de estatuto são discutidos no seio dos professores com as propostas da Fenprof.

Digamos que os professores tiveram o seu primeiro estatuto, porque a Fenprof obrigou o Governo a apresentar uma proposta. Daí que, por comparação, a Fenprof já viveu tempos melhores em termos de proactividade.

Consideras que os professores têm uma verdadeira identidade profissional? Ou há várias "identidades" numa só profissão?

É assim, eu acho que já sentimos uma identidade profissional… quando nem utilizávamos muito essa terminologia. Ela existia, de facto, em termos de solidariedade profissional. Por isso, eu gostaria de dizer que sim, mas hoje, infelizmente, não há essa identidade – há identidades de grupo e, provável e infelizmente, talvez pessoais.

Infelizmente, os professores começam a olhar muito mais para o seu umbigo do que para o interesse colectivo, enquanto classe profissional. E a situação vai continuar a agravar-se, se o Governo e os partidos políticos continuarem a insistir em modelos de avaliação de desempenho que não valorizam a classe docente; que não valorizam a educação e o ensino; que não se preocupam com as aprendizagens e o crescimento dos alunos. E apenas com uma visão economicista que penaliza os professores, pagando-lhes menos ou pagando mais apenas a uns quantos. Se isto continuar, as "identidades" pessoais vão adensar-se e tomar conta do dia-a-dia das escolas, com todas as consequências para o sistema educativo e, naturalmente, também para os professores…

Isso sugere-me uma última pergunta, que também tem a ver com esta condição geográfica. Um professor é/deve ser uma ilha ou um oceano?

Um professor devia ser um oceano. Ou, pelo menos, constituir-se como as gotas que formam um oceano. Mas, infelizmente, os professores estão a transformar-se em ilhas dentro de ilhas – as escolas estão a transformar-se em ilhas, e cada professor num ilhéu. O ideal, aquilo que eu gostaria, é que cada professor fosse uma gota de um grande oceano…

António Baldaia (entrevista)
Roberto Andrade (fotografia)

Entrevista originalmente publicada na edição de Outono de 2011 d'A Página da Educação, nº 194
www.apagina.pt

© Roberto Andrade

«Considero que os sindicatos são as instituições que se preocupam, por exemplo, com a formação contínua de professores, que oferecem mais espaços e oportunidades de debate de questões que vão muito para além das meramente reivindicativas»

Abertura do ano lectivo 2011-2012

Governo deve cumprir os compromissos

A «Indefinição» foi a palavra usada pelo Sindicato dos Professores da Madeira (SPM), em 16 de Setembro, através da coordenadora Marília Azevedo, para lembrar diversas matérias pendentes. Entre elas contam-se a revisão do Estatuto da Carreira Docente, o modelo de avaliação do desempenho, a «dívida» de cerca de 5 milhões de euros para com os docentes, segundo estimado pela secretaria regional de Educação e Cultura na sequência do reposicionamento na carreira, e as condições de trabalho nas escolas.

No âmbito dessas condições de ensino e aprendizagem nas escolas, o sindicato denunciou a intensificação do horário de trabalho e da burocracia e exige ainda uma «definição clara» das políticas de «combate à indisciplina» estudantil, que são um factor de «insucesso» escolar e «instabilidade». Foram «assumidos compromissos» por parte da tutela que tardam em ser concretizados, lembrou a líder e porta-voz do SPM.

Marília Azevedo desejou um bom trabalho aos docentes, no novo ano lectivo, e deixou, por fim, uma palavra de solidariedade e esperança a todos os docentes que enfrentam o problema do «desemprego e da precariedade» laboral. Isto numa conjuntura com tendência a agravar-se, como demonstram os cortes orçamentais no sector educativo, com reflexo na redução dos recursos humanos, quando se devia, pelo contrário, apostar mais na Educação para construir um melhor futuro.

NdS

Fórum Educação com os partidos políticos da ALM

Cortes ensombram Educação na Região

© Nélio de Sousa

Quando será dada prioridade à Educação?

O Fórum Educação foi um espaço público de debate promovido pelo SPM, em 17 de Setembro, no Hotel Vila Porto Mare, com a participação de todos os partidos políticos, com assento na Assembleia Legislativa da Madeira, excepto o PSD, que declinou o convite. «Precisamos de conhecer as propostas das várias forças políticas com assento no parlamento madeirense», disse Marília Azevedo, coordenadora do sindicato.

Foram as seguintes personalidades presentes: Roberto Almada (BE), Isabel Cardoso (PCP), Liliana Rodrigues (PS), Lopes da Fonseca (CDS/PP), Jaime Silva (MPT) e Joel Viana (PND). O debate foi moderado pela jornalista Raquel Gonçalves.

A abertura do novo ano lectivo e o período pré-eleitoral, momentos em que se discutiam temas estruturantes da vida colectiva, entre eles a Educação, e se faziam propostas para o futuro do sector na Madeira, foi o contexto em que decorreu o evento.

O debate coincidiu ainda com um período de grave crise económica e social, em que a Região estará sujeita a um plano de ajustamento financeiro que se prevê, de acordo com as notícias mais recentes, de profunda austeridade. Este cenário foi uma nuvem negra que esteve por cima da cabeça de todos quanto estiverem presentes no Fórum Educação.

Raquel Gonçalves expressou preocupação sobre a escola ser uma «manta de retalhos» e os «professores e a Educação não sejam uma prioridade».

Os vários intervenientes abordaram alguns dos problemas mais prementes no sistema de ensino. Desde a «falta de qualidade da aprendizagem», que é preciso ser resolvida, sublinhou Liliana Rodrigues, até ao facto de os «docentes serem pressionados por ideias e medidas distanciadas da realidade» das escolas, como apontou Jaime Silva. E avançaram-se algumas propostas.

Todos os detalhes em www.spm-ram.org, em "Iniciativas/Eventos cívicos e sociais", na notícia "Cortes ensombram sector da Educação também na Região".

NdS

1 de Outubro de 2011

Professores protestam no Funchal

© Nélio de Sousa

O SPM marchou contra o desemprego e o empobrecimento dos trabalhadores

Em protesto «contra o empobrecimento e as injustiças, pelo emprego, pelos salários, as pensões e os direitos sociais», o Sindicato dos Professores da Madeira, com a coordenadora Marília Azevedo e outros docentes, marcou presença na manifestação da CGTP de 1 de Outubro, convocada pela União de Sindicatos da Madeira (USAM).

Após a concentração junto à Sé Catedral, com discursos e a aprovação de uma moção contra "a política do desemprego, da precariedade e da redução de direitos e dos rendimentos gerando incerteza e insegurança no presente e no futuro", os cerca de 300 manifestantes desfilaram até à Quinta Vigia, onde se entregou o documento e se ouviram palavras de ordem e as intervenções sindicais.

Apelou-se a não se ser "pobre agradecido" e contestar as políticas de quem nos governa, lá ou cá. "Assim não vai dar, sempre os mesmos a pagar" foi um dos slogans ouvidos durante a manifestação. O inquilino da Quinta Vigia, o presidente do Governo Regional, terá ficado com as orelhas a arder já que não foi poupado nas críticas veementes. "Em cada dia que passa, aumenta a desgraça", outra rima entoada pelos manifestantes.

Os professores, além das dificuldades que partilham com todos os trabalhadores do País, enfrentam os cortes acentuados no orçamento da Educação e um acentuado número de despedimentos de docentes. Sem esquecer todo o restante caderno reivindicativo.

NdS

www.spm-ram.org

O trabalhador informado está mais apto a defender os seus direitos

Jornadas Pedagógicas 2011 SPM-MEM

Colaboração entre o Centro de Formação e o Movimento da Escola Moderna

Nos dias 21 e 22 de Outubro de 2011 realizaram-se as sextas jornadas pedagógicas do Núcleo Regional da Madeira do Movimento da Escola Moderna. Com o tema "A Leitura e a Escrita e o Trabalho e Projetos no Modelo pedagógico do MEM".

Após um ano de interregno, justificado por razões várias como a intempérie do 20 de fevereiro de 2010, a alteração do calendário da Festa do Desporto Escolar, entre outras, voltámos cheios de energia.

E uma vez mais aliados ao já nosso parceiro habitual, o Sindicato dos Professores da Madeira, que desde o ano 2007 tem trabalhado connosco numa verdadeira cooperação em prol da formação dos professores. Estas jornadas constituem um marco na história deste sindicato, uma vez que esta foi a primeira ação que aconteceu nas novas instalações do novo Centro de Formação. Orgulhamo-nos em referir que possui excelentes condições.

© Nélio de Sousa

O SPM expressou o desejo de continuidade da cooperação entre o seu Centro de Formação e o MEM

Falemos das Jornadas. Foi um dia e meio de intenso, mas gratificante, trabalho. Alegrámo-nos ao ver uma sala cheia de Professores e Educadores interessados. Colocaram questões e espicaçaram-nos a responder a questões de vária ordem.

Contámos com a presença de três colegas que atravessaram o Atlântico para voluntariamente, na verdadeira aceção da palavra, enriquecerem o nosso painel de oradores: a Manuela Castro Neves que com a sua larga experiência pedagógica sabedoria e emoção nos transmitiu o prazer que sempre sentiu quando ajudou as suas crianças na aprendizagem da leitura e da escrita. O Joaquim Segura que tão bem nos mostrou as diferentes formas de motivar e sistematizar os trabalhos em projetos na sala de aula do ensino por disciplinas e a Esmeralda Raminhos que nos ajudou a clarificar o árduo papel do professor na gestão de todo o trabalho, junto dos alunos.

Mas, e contrariando o ditado popular, em terra de Santos também se fazem milagres. Ali marcaram também presença as Educadoras Fernanda Ramos e Eugénia Freitas para relatarem as suas práticas. Quase por magia, transportaram-nos para uma sala de pré-escolar da Calheta onde as crianças têm oportunidade de realizar verdadeiros projetos, quer de investigação ou de produção quer mesmo de intervenção social, como foi o caso em que escreveram uma carta ao senhor presidente da Câmara a pedir que mandasse pintar uma passadeira perto da escola, aguardando pacientemente uma resposta. Uma sala onde a leitura e a escrita surgem através de uma dinâmica sempre lúdica, mas imbuída de um mar de descobertas significativas para todos.

Descobertas feitas pelos alunos continuaram a ser relatadas pela Cristina Neves e Cristina Manica, Professoras do 1º Ciclo. Mostraram alguns aspetos do percurso de aprendizagem da leitura e escrita de duas turmas de 1º ano. Um trabalho onde a comunicação surge num espaço de interação humana, construída socialmente. Onde se procura sentido nos textos reais procurando encontrar significados partilhados. Onde se trabalha a pares ou em pequeno grupo e há liberdade de se escrever quando e sobre o que se quer…

Nestas jornadas falou-se de uma escola onde as crianças querem fazer descobertas, encontrar respostas a muitos porquês. É nos trabalhos em projetos que descobrem as soluções, algumas inesperadas. Partindo de um problema inicial, formulam hipóteses, investigam, recolhem e selecionam informação, planificam a apresentação e preparam instrumentos para avaliação do trabalho. Estas etapas de um projeto foram ilustradas pelas colegas Ana Gonçalves, Mónica Shone e Rosária Valentim que relataram experiências do 1º Ciclo e também pela Luísa Sousa que veio do Porto Santo, onde este ano se realizou uma Oficina de Iniciação ao Modelo Pedagógico do MEM, falar da sua prática no Ensino por disciplinas.

E se projetar é antecipar, pensamos que é o momento de começarmos a pensar, já, na jornada 2012. Que tema? Que data? Que duração? Vozes houve a avaliar que o tempo desta foi curto. O local será o mesmo.

Agradecemos uma vez mais a preciosa colaboração do SPM nesta organização conjunta que pretendemos continuar. Acreditamos que quando caminhamos juntos chegamos sempre mais longe.

Helena Camacho

© Nélio de Sousa

Materiais de gestão pedagógica expostos no foyer do auditório da nova sede

© Nélio de Sousa

Trabalhos de projecto produzidos pelos estudantes no âmbito do ensino seguindo o modelo pedagógico do MEM

Sindicato mais perto dos docentes

Nova página electrónica

Umas das mais-valias da nova página electrónica do SPM, além de ser mais intuitiva, simples e ter melhor apresentação, é a interactividade que permite entre os professores e educadores e o sindicato.

Destacamos algumas funcionalidades como o motor de pesquisa; inquéritos online, a interligação com as redes sociais e de conteúdos: Facebook, Youtube, Picasa e o Gmail Calendário com a agenda das iniciativas públicas do SPM; possibilidade de colocar "like" e deixar comentários nos artigos; permite o envio de artigos por e-mail e a impressão, directamente, em papel ou em pdf; o acesso à subscrição da PROF newsletter e sindicalização, entre outras novas funcionalidades.

Página do Centro de Formação

Note-se que o Centro de Formação do SPM passou a contar com uma página electrónica dedicada (http://cf.spm-ram.org/), com acesso também a partir da página electrónica principal, onde os sócios poderão continuar a ser informados de novas acções de formação contínua, inscrever-se nessas acções e ter acesso às listas dos seleccionados, como a toda a informação sobre formação contínua, legislação, programas, entre outros.

CP/NdS

Temos a palavra em 24 de Novembro

Pelo emprego e dignidade dos trabalhadores

Face ao corte por via do Orçamento de Estado (OE) para 2012, os professores debateram, indignaram-se, tomaram posição e decidiram, no dia 27 de Outubro, em plenário seguido de uma Assembleia Geral de Sócios do Sindicato dos Professores da Madeira, empreender formas de lutas. Desde logo com a adesão à Greve Geral de 24 de Novembro próximo, convocadas pelas centrais sindicais CGTP e UGT.

Expressar indignação

«É preciso dar expressão à indignação, ir para a rua de forma pacífica antes que os violentos a ocupem», exortou uma professora presente no plenário. Em lugar da interiorização apelou-se à exteriorização da indignação. Outro docente alertou para os perigos da passividade decorrente do "tem que ser" ou do "nada há a fazer".

Isto sem ser ainda conhecido o quadro de austeridade e orçamento da Região Autónoma da Madeira, nomeadamente no que toca às consequências no campo da Educação. Aí a indignação promete acentuar-se. Para já, o protesto dos professores e educadores em exercício de funções neste arquipélago tem como alvo as medidas de austeridade da República, com repercussões a nível regional, que atingem todos os portugueses, decorrentes do OE para 2012.

Menos 1.500 milhões na Educação

Os 1.500 milhões de corte na Educação, em apenas dois anos, 2011 e 2012, sem contar com os cortes salariais, conduzirá à «redução de empregos no sector que são, na sua grande maioria, docente», alerta Mário Nogueira, secretário-geral da FENPROF. O maior corte no OE é, precisamente, no sector educativo.

A proposta de OE para 2012 atira o orçamento da educação para 3,8% do PIB (contra 5 % em 2010 e os 4,7% previstos para 2011).

Para além do impacto nos salários, prevê-se alterações curriculares que visam eliminar ou aligeirar disciplinas, aumento do número de alunos por turma, extinção de projectos. Muitos docentes, quer contratados, quer dos quadros, serão afastados das escolas. Relativamente ao básico e secundário, o corte de 102 milhões de euros representará o despedimento de mais de 12 mil professores contratados e o envio para o quadro de mobilidade especial de mais de 5 mil professores do quadro. Desemprego e mobilidade especial serão as formas de a tutela se ver livre desses milhares de professores e educadores.

Perda salarial superior a 30%

A nossa perda salarial, em apenas 2 anos (2011 e 2012) é superior a 30%. Subsídios de férias e Natal para quem ofere mil euros ou acima: 14,3%; redução dos salários (mantida do ano anterior): 5% (valor médio); corte no subsídio de Natal em 2011: 3,2%; congelamento dos salários (Inflação: 2011- 3,5%; 2012- 3,1%): cerca de 6,6%; congelamento das progressões nas carreiras; forte sobrecarga fiscal em sede de IRS.

NdS

Festa de Natal 2011 do Sindicato dos Professores da Madeira
11 de Dezembro, 14h30,
Auditório do **Centro de Congresso do Casino Madeira**
Para os filhos dos associados – Inscrições até 26 de Novembro

MÁRIO NOGUEIRA

Três notas só...

1.ª – UM ORÇAMENTO PARA DEMOLIR O FUTURO

O Orçamento do Estado para 2012, proposto pelo governo do PSD e do CDS, está aí e é tão ou mais demolidor quanto se esperava. Irá demolir salários e subsídios de forma violenta; irá demolir emprego, empurrando para o desemprego ou mobilidade especial mais de 25.000 professores no próximo ano; irá demolir escolas e a qualidade do ensino que nelas tem lugar; pretende demolir esperança e futuro, podendo demolir desejos e sonhos… Competenos a nós cidadãos e, particularmente, a nós professores e educadores, demolir este orçamento e estas políticas em que se sustenta. Nesse sentido, só a luta será demolidora!

2.ª – SERIEDADE POLÍTICA (OU FALTA DELA)…

Aqui, como no continente, a direita é a direita e as suas políticas, dê lá por onde der, ainda que aparentemente diferentes pelo discurso e estilo, são, na verdade, irmãs gémeas em natureza e objetivos.

É o governo da República, de coligação do PSD e do CDS, que está hoje a tentar derrubar o Estado social que os portugueses, ao longo de décadas, construíram. Por seu turno, é na Educação que conhecemos melhor os seus efeitos devastadores.

Por exemplo, sabemos que a troica estrangeira, que ingere na vida nacional, queria impor um corte de 195 Milhões de euros, mas a dupla PSD/CDS decidiu ir mais longe e fazer baixar de 4,7 para 3.8% do PIB o valor do orçamento para a Educação, ou seja, cortar, no global, qualquer coisa como 1.500 Milhões de euros. Com tal redução, Portugal, apesar dos inúmeros e graves problemas que tem por resolver na Educação e de se encontrar em alargamento escolaridade obrigatória, para 12 anos, passa a ocupar o 27.º e último lugar do "ranking" comunitário.

Ora, a direita que no continente impõe tais razias é a mesma que, na RAM, por vezes, gosta de parecer crítica às mesmas. Mas quando a direita regional se senta nas cadeiras do poder da República, parece que fica afónica… não fica, é mesmo assim. É que não há offshore que consiga branquear a natureza das políticas, o que às vezes consegue – e já não é mau! – é disfarçar a seriedade política… ou a falta dela.

3.ª – HÁ NOVAS CONDIÇÕES PARA A LUTA!

Os professores e educadores da Região Autónoma da Madeira têm uma nova casa: a sede do seu Sindicato mais importante e representativo, o SPM.

Só um grande Sindicato que, nesta região, é o rosto quotidiano da FENPROF, conseguiria oferecer estas novas e melhores condições aos seus associados. É natural que, a partir de agora, prevendo uma maior e melhor capacidade de resposta às malfeitorias dos poderes (regional e nacional), o SPM passe a ser alvo de mais e mais fortes tentativas de fragilizar a sua intervenção. Sobretudo agora que o poder está, de facto, mais fragilizado.

Compete aos professores que exercem a sua atividade profissional na RAM, defendendo os seus direitos e interesses, unirem-se ainda mais em torno do SPM. É que, neste tempo que corre, em que cada um de nós se sente mais atacado e fragilizado na sua capacidade de resposta individual, maior importância ganham a unidade e a solidariedade. Unidos em torno do SPM e solidários no quadro da FENPROF, encontraremos as forças necessárias para resistirmos aos ataques e até para tomarmos a iniciativa.

Mário Nogueira
Secretário-Geral da FENPROF